



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999

Raissa Cruz dos Santos

TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM JUDOCAS: DIFERENÇAS ENTRE GANHAR E PERDER

Belém-PA
Maio/2019



TRAÇOS DE PERSONALIDADE EM JUDOCAS: DIFERENÇAS ENTRE GANHAR E PERDER

Raissa Cruz dos Santos

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção de título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Janari da Silva Pedroso
Coorientador: Prof. Dr. Amauri Gouveia Jr.

Área de concentração: Ecoetologia

Trabalho financiado pelo CAPES, por meio de bolsa de mestrado.

Belém-PA
Maio/2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

S237t Santos, Raissa Cruz dos, 1993-
Traços de personalidade em judocas: diferenças entre ganhar e
perder / Raissa Cruz dos Santos. — 2019.
81f. il.

Orientador: Janari da Silva Pedroso

Coorientador: Amauri Gouveia Jr.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará /
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de
Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento,
Belém, 2019.

1. Análise do comportamento. 2. Ecoetologia
(comportamento humano). 3. Anamnese (método). 4. Bateria
Fatorial de Personalidade (BFP): avaliação. 5. Judoca:
comportamento. 6. Vencedor (comportamento). 7. Perdedor
(comportamento). I. Título.

CDD - 23. ed. 150.77

Catalogação na fonte: Maria Célia Santana da Silva – CRB2/780



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Raissa Cruz dos Santos, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil. Fone: 98488-7801, Email: raissacruzdosantos@gmail.com.



PPGTPC

Programa de Pós-Graduação em
Teoria e Pesquisa do Comportamento UFPA



Universidade Federal do Pará
Instituto de Teoria e Pesquisa do Comportamento - NTPC
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do
Comportamento - PPGTPC
Mail: secretariappgtpc@ufpa.br
Site: ppgtpc.proppos.ufpa.br/index.php/ufpa
Rua Augusto Correa nº 01
CEP: 66075-110, Guamá, Belém/PA
Fones: 32018542 / 32018478

Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA –
Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N.º. 84 de 22.12.94 da
Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do
Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Dissertação de Mestrado

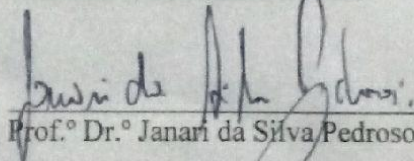
“Traços de Personalidade em Judocas: Diferenças Entre Ganhar e Perder”.

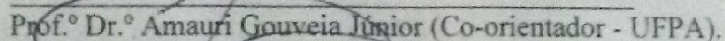
Aluna: Raissa Cruz dos Santos.

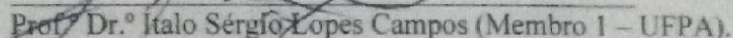
Data da Defesa: 28 de Maio de 2019.

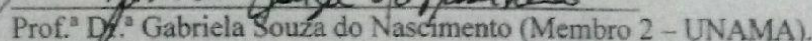
Resultado: Aprovada.

Banca Examinadora:


Prof.º Dr.º Janari da Silva Pedrosa (Orientador - UFPA).


Prof.º Dr.º Amauri Gouveia Junior (Co-orientador - UFPA).


Prof.º Dr.º Italo Sérgio Lopes Campos (Membro 1 – UFPA).


Prof.ª Dr.ª Gabriela Souza do Nascimento (Membro 2 – UNAMA).

Agradecimentos

À minha mãe, pelos cafés da manhã feitos com amor e carinho, pelo colo dado a cada frustração e pelo abraço caloroso em cada alegria. Obrigada por ter me alimentado, me abraçado e me feito rir, principalmente naqueles momentos que ninguém mais o faria.

Ao meu pai por me ensinar a correr atrás daquilo que preciso, com disciplina, determinação e garra. Agradeço-lhe por me ensinar que, independente da quantidade de trabalho, sempre é importante descansar. Obrigada pelo cuidado, amor e força.

Aos meus pets maravilhosos (Toby, Dante e Nicolau), que foram minhas companhias durante as noites solitárias de escrita. Vocês são meus pedacinhos de amor fora do peito.

Aos meus amigos da vizinhança (Shirley, Thaís, Lorena), da faculdade (Denise Raissa, Adalberto, Gottardo), do mestrado (Aline, Ana Paula) e do vôlei (Brenda, Ana Laura e Tayná). Obrigada por manterem minha sanidade mental durante esse processo e por tornarem minha vida mais leve e divertida.

Aos meus orientadores Janari Pedroso e Amauri Gouveia Jr. por cada orientação, puxão de orelha e suporte. Obrigada por terem despertado e cultivado em mim essa paixão pela pesquisa.

Aos professores e colegas do Gestcom, do LABNEC, do LADS e da A Comportamental (Fabiane e Nicole) por terem sido meu suporte teórico, prático e pessoal. Agradeço por cada sugestão, orientação e dica dada durante esse processo.

Ao Ítalo Campos, Amanda Suelén, Edna Franco, Emanuel, Alam Saraiva, FPAJU e atletas participantes por terem me instrumentalizado com materiais, suporte técnico, indicações, explicações sobre o esporte e etc. Agradeço muito pela paciência, por terem aberto as portas de seus locais de treinamento e me ensinado sobre esse maravilhoso esporte que é o Judô.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Aos professores da Universidade Federal do Pará que direta ou indiretamente me ajudaram na minha formação acadêmica, teórica e ética. Obrigada pelas disciplinas, orientações, sugestões e esclarecimentos.

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(Fernando Pessoa)

Sumário

Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF).....	15
Personalidade no esporte.....	24
O esporte	27
Fenômeno de ganhar e perder	29
Determinantes de ganhar e perder.....	30
Fatores físicos.	30
Fatores hormonais.	32
Fatores comportamentais.	33
Judô	36
Objetivo geral.....	38
Objetivos específicos	38
Método	39
Participantes	39
Local da coleta de dados	39
Instrumentos.....	40
Aparato para medidas morfofuncionais	40
Procedimento	40
Ranking	41

Análise estatística.....	42
Resultados.....	42
Análise da amostra.....	42
Comparação por faixa e escolaridade	44
Comparação dos judocas com a amostra do BFP.	45
Correlação entre traços de personalidade e medidas morfofuncionais.....	47
Comparação dos traços de personalidade entre vencedores e perdedores.....	48
Discussão	49
Diferenças entre judocas e amostra do BFP	49
Diferenças entre faixas.....	51
Correlações entre as variáveis investigadas.....	53
Diferenças entre vencedores e perdedores.....	55
Fatores físicos.	55
Fatores comportamentais e hormonais.....	56
Conclusões	59
Anexos	62
Referências.....	65

Lista de tabelas

Tabela 1. <i>Descrição dos traços de personalidade</i>	18
Tabela 2. <i>Perfil da amostra</i>	42
Tabela 3. <i>Comparação dos Judocas com a amostra do BFP</i>	62
Tabela 4. <i>Comparação dos traços de personalidade dos judocas vencedores e perdedores</i>	63

Lista de figuras

<i>Figura 1.</i> Variáveis com diferença significativa na comparação por faixa	44
<i>Figura 2.</i> Diferenças significativas entre a amostra de judocas e amostra do sexo masculino do BFP.	46
<i>Figura 3.</i> Correlações significativas entre traços e medidas morfofuncionais).....	47
<i>Figura 4.</i> Diferenças significativas entre vencedores e perdedores no BFP e na rotina esportiva.	48

Resumo

Santos, R. C. (2019). *Traços de personalidade em judocas: diferenças entre ganhar e perder*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém. Brasil. 81 p.

Aspectos físicos, hormonais e comportamentais influenciam na vitória e na derrota competitiva. Dentre os aspectos comportamentais, características como ousadia e assertividade diferem animais vencedores e perdedores. Em humanos, elas podem ser estudadas por meio da personalidade. Esta pesquisa objetivou investigar diferenças entre judocas melhores e piores ranqueados quanto aspectos físicos e comportamentais, bem como investigar as correlações entre os traços de personalidade e medidas morfofuncionais. A amostra foi composta por 26 judocas, de idade entre 17 e 30 anos, com no mínimo seis anos de prática. Dentre instrumentos e aparatos utilizou-se: anamnese para levantar dados sócio-demográficos e rotina esportiva, Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) para investigar os traços e teste antropométricos e motores para medidas morfofuncionais. Os resultados demonstraram que (a) traços de altivez e dinamismo diferem entre judocas no topo e no fim do ranking (b) existem correlações entre traços de personalidade e variáveis, como idade, anos de prática, flexibilidade e preensão manual. Esses achados apontam consistência evolutiva no fenômeno de ganhar e perder no contexto natural e no esportivo; traços de dinamismo e altivez estão relacionados a ganhar e perder em humanos; e esses traços podem estar correlacionados a características de ousadia e assertividade em animais.

Palavras-chaves: Personalidade, Vencer e perder, Judô, Bateria Fatorial de Personalidade, Esporte.

Abstract

Santos, R. C. (2019). *Personality traits in judokas: differences between winning and losing*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém. Brasil. 81 p.

Physical, hormonal, and behavioral aspects influence victory and competitive defeat. Among the behavioral aspects, characteristics such as boldness and assertiveness differ from winning and losing animals. In humans, they can be studied through personality. This research aimed to investigate differences between better and worse judokas and the physical and behavioral aspects, as well as to investigate the correlations between personality traits and morphofunctional measures. The sample consisted of 26 judokas, aged between 17 and 30 years, with at least six years of practice. Among instruments and apparatus were used: anamnesis to collect socio-demographic data and sports routine, Factorial Battery of Personality (BFP) to investigate the traits and anthropometric tests and motors for morphofunctional measures. The results showed that (a) traits of haughtiness and dynamism differ between judokas at the top and bottom of the ranking (b) there are correlations between personality traits and variables, such as age, years of practice, flexibility and manual grip. These findings point to an evolutionary consistency in the phenomenon of winning and losing in the natural and sporting context; traits of dynamism and haughtiness are related to winning and losing in humans; and these traits may be correlated with characteristics of boldness and assertiveness in animals.

Key-words: Personality, Winner and Loser, Judo, Factorial Battery of Personality, Sport.

Traços de Personalidade em Judocas: Diferenças entre Ganhar e Perder

Os Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF)

Nas teorias do traço, personalidade é um conjunto de unidades básicas (traços) responsáveis por padrões de pensamentos, comportamentos e atitudes de um indivíduo, consistentes em diferentes situações (Siva & Nakano, 2011; Trentini et al., 2009). Além disso, personalidade também é utilizada para nomear uma área de investigação interessada nas diferenças individuais e na sua relação com diferentes processos (Flores-Mendoza & Colom, 2009; Trentini et al., 2009), como motivação (Lazarus, 2000; Lundqvist & Raglin, 2015), inteligência (Chamorro-Premuzic, Furnham, & Moutafi, 2004), bem estar (Fadda & Scalas, 2016), liderança (Hampson & Jowett, 2014; Judge, Bono, Ilies, & Gerhardt, 2002) e etc.

Uma das teorias mais difundidas e mais consistentes do ponto de vista psicométrico é o Modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF), também conhecida como *Five Factor Model* ou *Big Five*. Ela tem sido muito utilizada por descrever a personalidade de maneira simples, econômica e direta (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010). Ademais, estudos transculturais apontaram a universalidade e consistência dos traços em diferentes países e culturas (Allik et al., 2017; Laher, 2012).

O modelo dos Cinco Grandes Fatores foi desenvolvido a partir de pesquisas sobre personalidade, advindas de teorias de traços e das técnicas fatoriais. Ele classifica a personalidade como uma rede hierárquica de traços que, por sua vez, são influenciados por fatores genéticos (Van den Berg et al., 2014), hereditários (Van den Berg et al., 2016) e ambientais (história de vida, cultura) (McCrae, 2006).

A hierarquia desse modelo é organizada em dois níveis. O primeiro é formado por dezenas de traços específicos, enquanto o segundo é constituído por apenas cinco fatores bipolares e contínuos. Desta forma, quanto maiores escores nos traços (subfatores), maiores serão os níveis no fator e vice-versa. De modo detalhado, as dimensões são:

- **Neuroticismo (estabilidade – instabilidade emocional):** Refere-se a um grupo de traços relacionados a emoções negativas e suas consequências. Pessoas com alto N tendem a experimentar preocupação, irritação, melancolia e vergonha. Apresentam crenças irracionais, tais como noção perfeccionista de que deve fazer tudo corretamente e baixo controle dos seus impulsos. Enquanto pessoas com N baixo tendem a ser calmos, racionais e autocontrolados. E lidam com estresse de forma eficaz.
- **Extroversão (introversão – extroversão):** Envolve traços que descrevem a quantidade e a intensidade das interações interpessoais preferidas, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. Indivíduos extrovertidos (altos níveis) tendem preferir estar em grupos e buscam estimulação social. Os introvertidos (baixos níveis) mantêm uma postura reservada, preferem ficar sozinhos e apresentam menor busca por estimulação social.
- **Socialização (egoístas – altruístas):** Refere-se à qualidade das interações que uma pessoa apresenta, bem como a capacidade de confiar e ser amável com os demais. Indivíduos com altos escores tendem manter uma postura simpática e cordial com as pessoas. E baixos escores demonstram maior desconfiança e mantêm uma postura mais cética em relação às demais pessoas.
- **Realização (indiferentes – foco em resultados):** Descreve o grau de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos. Indivíduos com altos escores

apresentam maior grau de responsabilidade e determinação para atingir os objetivos. E baixos escores descrevem menor exigência e obstinação para atingir objetivos.

- **Abertura (conservadores – abertos):** Descreve tendência a comportamentos exploratórios e de reconhecimento da importância de ter novas experiências. Indivíduos com altos níveis apresentam maior interesse pela variedade e por tarefas e ideias novas. E baixos níveis descrevem maior preferência por atividades rotineiras

Na tabela 1, estão escritas as dimensões (primeira coluna) e os traços pertencentes a cada uma delas (linhas) junto com suas descrições (altos e baixos). Tendo em vista que, escores medianos descrevem que o indivíduo pode demonstrar a característica intensamente em algumas situações e em outras, não. É importante ressaltar que escores baixos ou altos nos fatores ou subfatores não representam, necessariamente, problemas na personalidade.

Tabela 1

Descrição dos traços de personalidade segundo Nunes et al.(2010)

Dimensões/Fatores	Traços/Subfatores
Neuroticismo	Vulnerabilidade: Avalia o quão frágeis as pessoas são, emocionalmente. Indica o quanto os indivíduos vivenciam sofrimento emocional em decorrência da sua percepção de como os outros os aceitam. <u>Escore baixo:</u> caracterizam uma grande independência emocional em relação aos outros. <u>Escore alto:</u> tendem a apresentar baixa autoestima e relatam ter grande medo de que pessoas importantes para eles os deixem em decorrência de seus erros. Instabilidade emocional: Avalia o quanto as pessoas descrevem-se como irritáveis, nervosas, e com grandes variações de humor. <u>Escore baixo:</u> indicam pessoas que apresentam pouquíssimas variações de humor. <u>Escore alto:</u> indicam tendência a agir impulsivamente quando sentem algum desconforto psicológico, tomando decisões precipitadas com relativa frequência. Passividade/Falta de Energia: Avalia o nível de atividade das pessoas e seu empenho para resolver situações rapidamente. <u>Escore baixo:</u> costumam ser proativas, iniciam e concluem tarefas importantes e usualmente tomam decisões agilmente. <u>Escore alto:</u> tendem a apresentar um comportamento de procrastinação, tendo grande dificuldade para iniciar tarefas, mesmo que simples. Depressão: Avalia os padrões de interpretações que os indivíduos apresentam em relação aos eventos que ocorrem ao longo de suas vidas. <u>Escore baixo:</u> Dificuldade para reconhecer eventos negativos e avaliar os problemas, minimizando-os. <u>Escore alto:</u> Expectativas negativas em relação ao seu futuro e indicam ter uma vida monótona e sem emoção.
Extroversão	Nível de Comunicação: Descreve o quão comunicativas e expansivas as pessoas acreditam que são. <u>Escore baixo:</u> sugerem pessoas que preferem não se expressar em público, que podem se constranger em situações de maior exposição e que falam pouco sobre si mesmas. <u>Escore alto:</u> apresentam facilidade para falar em público, para conhecer novas pessoas e, tendem a apresentar um maior senso de intimidade, rapidamente avaliando como profundas relações relativamente recentes. Altivez: Descreve a percepção que as pessoas têm sobre sua capacidade e valor. <u>Escore baixo:</u> revelam tendência a ser humilde, a não se vangloriar pelos bens e capacidades pessoais, além de pouca necessidade

de receber atenção dos outros. Escores altos: nessa escala relatam a necessidade de receber atenção dos outros, a crença de que os demais os invejam e uma predisposição para falar excessivamente sobre si, suas qualidades e suas posses.

Dinamismo: É composta por itens que indicam o quanto as pessoas tomam a iniciativa em situações variadas, quão facilmente julgam que colocam suas ideias em prática e nível atividade. Escores baixos: tendem a se concentrar em um pequeno número de atividades simultâneas e não precisam estar constantemente envolvidos em atividades para sentirem-se bem. Altos escores: tendem a se envolver em várias atividades, possuem características de liderança e alto nível de assertividade.

Interações sociais: Indica o quanto as pessoas buscam ativamente situações que permitam tais interações, como festas, atividades em grupo, entre outras. Escores baixos: geralmente preferem ficar sozinhos ou em grupos pequenos e demoram mais para desenvolver novas relações sociais. Altos escores: tendem a ser gregários e esforçam-se para manter contato com seus conhecidos. Relatam preferir atividades em grupo e se envolvem rapidamente com as pessoas.

Amabilidade: Agrupa itens que descrevem o quão atenciosas, compreensivas e empáticas as pessoas procuram ser com as demais. Baixos escores: tendem a apresentar pouca disponibilidade para com os demais, sendo autocentradas e indiferentes às necessidades alheias. Altos escores: tendem a ser atenciosas e amáveis com as demais, demonstrando sua preocupação com as necessidades alheias.

Pró-sociabilidade: Agrupa itens que descrevem comportamentos de risco, concordância ou confronto com leis e regras sociais, moralidade, agressividade, e padrões de consumo de bebidas alcoólicas. Baixos escores: tendem a se envolver situações que podem colocá-los, ou às demais pessoas, em perigo. Altos escores: tendem a evitar situações de risco, bem como transgressões a leis ou regras sociais.

Confiança: Agrupa itens que descrevem o quanto as pessoas confiam nos outros e acreditam que eles não as prejudicarão. Escores baixos: Apresentam constante percepção de que as pessoas podem estar tentando prejudicá-las em variados contextos. Escores altos: apresentam uma postura ingênua com os demais, chegando a colocar-se em situações nas quais facilmente podem ser prejudicadas ou enganadas por pessoas mal intencionadas e manipuladoras.

Realização

Competência: Indica o quão ativamente as pessoas buscam atingir seus objetivos, bem como a predisposição para fazer sacrifícios pessoais para tanto. Escores baixos: sugerem pouca disposição para atingir objetivos e pessoas que facilmente desistem frente a obstáculos ou necessidade de fazer sacrifícios. Escores altos: referem-se a pessoas que tendem a acreditar no seu potencial para realizar várias tarefas ao mesmo tempo, a gostar de atividades complexas e desafiadoras e a possuir clareza sobre seus objetivos de vida.

Ponderação: É composto por itens que descrevem situações que envolvem o cuidado com a forma para expressar opiniões ou defender interesses, bem como a avaliação das possíveis consequências de ações. Escores baixos: Tendem a falar sem pensar antes, a agir antes de fazer algum planejamento e a serem impulsivas. Escores altos: tendem a ser mais ponderadas quanto ao que dizem e fazem, tentando controlar sua impulsividade ao resolver problemas.

Empenho: Descreve o quão detalhistas são as pessoas na realização de trabalhos e seu nível de exigência pessoal com a qualidade das tarefas realizadas. Escores baixos: tendem a ser verificados em pessoas são pouco comprometidas com tarefas e compromissos e que usualmente são descuidadas com a forma de realização e conclusão de tarefas. Altos escores: tendem a dedicar-se bastante às suas atividades profissionais/acadêmicas, gostam de obter reconhecimento por seu esforço e usualmente são perfeccionistas.

Abertura a experiências

Abertura a ideias: Os itens desta faceta descrevem abertura para novos conceitos ou ideias, que podem incluir interesse por questões filosóficas, arte, fotografia, estilos musicais e diferentes expressões culturais. Baixos escores: são pouco curiosas para conhecer novos temas, são mais conservadoras e fiéis aos próprios gostos artísticos e possuem postura rígida quanto a conceitos. Altos níveis: Gostam de participar de atividades que exijam imaginação ou fantasia, têm interesse por ideias abstratas, discussões filosóficas, arte, têm curiosidade sobre novas tendências musicais e por áreas afins.

Liberalismo: Descreve a forma como as pessoas lidam com diferentes valores morais e sociais e a noção que estes podem ser relativizados, que podem mudar ao longo do tempo e ser diferentes em variadas

culturas e regiões. Escores baixos: indicam pessoas que não costumam relativizar valores e conceitos sociais, sendo mais dogmáticas. Usualmente defendem a ideia que os valores adotados não devem ser mudados com o passar do tempo. Escores altos: estão associados a uma concepção de que muitos valores sociais, éticos e legais podem ser relativizados.

Busca por novidades: Esta faceta indica o quanto as pessoas gostam e buscam vivenciar novos eventos e ações, bem como a forma como lidam com a rotina. Escores baixos: Descrevem indivíduos desconfortáveis com a quebra de rotina, bem como possuir pouco interesse para fazer coisas que nunca fizeram antes, de conhecer lugares novos e de se colocarem em situações diferentes às que vivem usualmente. Altos escores: buscam ativamente novidades, relatam não gostar de rotinas em contextos variados, indicando que têm pouca motivação para realizar tarefas repetitivas, ficando facilmente entediadas quando não podem vivenciar novos eventos.

Este modelo apresenta várias versões dependendo dos autores. Goldberg (1990), por exemplo, chama de intelecto o fator de abertura à experiência. Caprara, Barbaranelli, Borcogni e Perucini (1993) nomeiam de afabilidade ou força de vontade os fatores referentes à cordialidade e responsabilidade (socialização e realização), no entanto, a versão mais utilizada e difundida é a dos norte-americanos Costa e McCrae (1992).

Existem várias escalas desenvolvidas baseadas nessa teoria. Internacionalmente, os instrumentos mais conhecidos são: *The Revised NEO Personality Inventory* (Costa & McCrae, 1992), o *The Big Five Inventory* (Srivastava, John, Gosling, & Potter, 2003), o *Five-Factor Personality Inventory* (Hendriks, Hofstee, & de Raad, 2002) e o *Personality Questionnaire* (Paunonen & Ashton, 2002).

No Brasil, existem cinco instrumentos utilizados para avaliação dentro desse modelo (Siva & Nakano, 2011). Dois deles avaliam os cinco fatores: A versão brasileira do Inventário de personalidade NEO Revisado (NEO PI-R), adaptada por Flores-Mendoza (2008); e a Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes, Hutz, & Nunes, 2010). E três avaliam os fatores separadamente: a Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (Hutz & Nunes, 2001), de Socialização (Nunes & Hutz, 2007b) e de Extroversão (Nunes & Hutz, 2007a).

A Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), instrumento e os fatores utilizados nesse estudo, possui evidências de validade com outras escalas. Achados apontam convergência entre esse instrumento e o NEO-PI-R, na qual foram encontradas correlações positivas entre os fatores de neuroticismo, extroversão e abertura, avaliados nas duas escalas. Do mesmo modo, dimensões como realização e socialização do BFP apresentaram correspondência com conscienciosidade e amabilidade do NEO-PI-R, respectivamente (Nunes et al., 2010).

O modelo dos Cinco Grandes Fatores apresenta semelhanças com o Inventário de Personalidade de Eysenck (EPQ). Este último foi construído a partir do modelo teórico de Eysenck (1975), composto por 90 itens, que avaliam três dimensões de personalidade: neuroticismo (23 itens), extroversão (21 itens), psicoticismo (25 itens), somados a outros 21 itens que compõem uma escala de validade. Segundo Nunes et al., (2010) as dimensões de neuroticismo dos dois modelos apresentam convergências, na qual altos escores em ambas caracterizam indivíduos ansiosos, deprimidos e emocionais.

Similarmente, escores de ansiedade e depressão avaliados pelo Inventário de depressão de Beck (BDI) foram correlacionados positivamente com o fator neuroticismo do BFP (Nunes et al., 2010). O BDI, foi adaptado para o Brasil por Cunha (2001), é um instrumento composto por 21 itens muito utilizado para mensurar sintomas depressivos em adultos e adolescentes.

Por outro lado, a escala de autoestima de Rosenberg foi correlacionada negativamente ao fator neuroticismo do BFP (Nunes et al., 2010). O primeiro instrumento é uma escala *likert* composta por 10 itens que avaliam autoestima em adolescentes e adultos. A correlação negativa entre autoestima e neuroticismo ocorre por que pessoas com menor estabilidade emocional (maior neuroticismo) se descrevem, como mais inseguras, autodepreciativas e emocionalmente dependentes.

Ademais, a escala de estilos cognitivos (Bariani, Sisto, & Santos, 2001) apresentou convergência com o *Big five* (Hutz et al., 1998) em estudantes universitários. O primeiro instrumento é do tipo *likert* e avalia as dimensões holista/serialista, impulsividade/reflexividade e pensamento divergente/convergente, com seis itens para cada dimensão. Os estilos cognitivos investigam como as pessoas processam informações e respostas emocionais (Santos, Sisto, & Martins, 2003).

No estudo citado, as correlações positivas foram encontradas entre os escores de realização e o estilo *convergente*, que refere-se a pessoas com predileção para o pensamento lógico, apresentando habilidade para lidar com problemas que requerem uma solução correta e preferência por problemas formais e tarefas estruturadas (Santos, Sisto, & Martins, 2003).

Correlações entre Inventário de Habilidades Sociais (IHS) (Del Prette & Del Prette, 2001) e a Escala Fatorial de Socialização (EFS) apontaram convergência desse fator com habilidades de expressão de afetos positivos, equilíbrio emocional e autocontrole da agressividade (Bartholomeu, Nunes, & Machado, 2017). O IHS apresenta 38 itens que descrevem situações de interação social e as pessoas são solicitadas a avaliar a frequência de ocorrência em uma escala de cinco pontos (variando de nunca a sempre).

Estes achados apontam a evidência e consistência entre o BFP e outros instrumentos de personalidade (NEO-PI-R e EPQ). E a relação entre os fatores da primeira escala e outros construtos, como autoestima, habilidades sociais e estilos cognitivos.

Personalidade no esporte

A mensuração dos traços de personalidade no esporte é geralmente realizada com três objetivos: (i) sustentar o conhecimento sobre os agentes esportivos (atletas, técnicos, árbitros e etc.); (ii) ajudar os pesquisadores a obter informações para compartilhar com outros especialistas; (iii) e ajudar os psicólogos esportivos avaliarem os comportamentos dos atletas como base para subseqüente intervenções (Carducci, 2009).

O desenvolvimento da teoria dos cinco grandes fatores e a sua diversidade de instrumentos possibilitou investigação dos traços na área esportiva (García-Naveira & Ruiz Barquín, 2013). Na maioria dos estudos, eles são utilizados para comparar grupos, como atletas e

outras amostras (Gonçalves, Rabelo, & Rubio, 2014), modalidades individuais e coletivas (Jackson, Dimmock, Gucciardi, & Grove, 2010), juvenis e seniores (Trninić, Trninić, & Penezić, 2016) e atletas de alto e baixo risco (Kajtna, Tušak, Barić, & Burnik, 2004).

Além disso, os traços também são utilizados para investigar sua influência em outros fenômenos esportivos, como enfrentamento (*coping*) (Allen, Greenlees, & Jones, 2011), sucesso esportivo (Aidman, 2007), performance (Allen & Laborde, 2014; Allen, Greenlees, & Jones, 2013), ansiedade (Petito et al., 2016), emoções (Allen, Greenlees, & Jones, 2014; Woodman et al., 2009), lesões (Madžar, Milošević, Hrabač, & Heningsberg, 2017; Paquette, Dumais, Bergeron, & Lacourse, 2016), e suas relações com variáveis psicofisiológicas (Binboga, Guven, Çatıkkaş, Bayazıt, & Tok, 2012), hormonais e morfofuncionais (Obmiński, Mroczkowska, & Tomaszewski, 2016).

Na perspectiva dos fatores de personalidade, estudos apontam que atletas possuem altos níveis de extroversão, realização, abertura e menor neuroticismo comparados a não atletas (Allen et al., 2013; Allen & Laborde, 2014; Filho & Ribeiro, 2005; Filho, Ribeiro, & García, 2005; Jarvis, 2006; Mellalieu, Neil, Hanton, & Fletcher, 2009; Nia & Besharat, 2010). Contudo, dados apontam que atletas de tênis de mesa são menos abertos a novas experiências (Gonçalves et al., 2014).

Apesar dos achados apontarem que extroversão está consistentemente relacionada à prática esportiva, estudos discutem se essa diferença é pré-existente ou é desenvolvida dentro do contexto esportivo (García-Naveira & Ruiz Barquín, 2013). Na primeira perspectiva, argumenta-se que indivíduos extrovertidos tendem a escolher atividades físicas para aumentar a excitação cortical (quantidade de atividade no córtex cerebral). Ademais, achados apontam que extroversão

é um fator estável ao longo do tempo, portanto esses traços estariam presentes no atleta antes da escolha pela atividade física (Mckelvie, Lemieux, & Stout, 2003).

Na outra perspectiva, estudos discutem que o esporte é um contexto que facilita interações sociais e que apesar de vários estudos investigarem a função dos traços na atividade física, pouco se sabe sobre a influência do esporte na personalidade do indivíduo (Allen & Laborde, 2014). Além disso, achados apontam que a escassez de estudos longitudinais sobre personalidade dificulta conclusões robustas sobre essas questões (Filho et al., 2005).

Variáveis sociodemográficas também influenciam na relação entre traços e esporte. Dados sobre idade, por exemplo, apontam que atletas mais velhos apresentam maiores níveis de socialização comparados aos mais jovens. Essas pesquisas discutem que essa característica é importante para manter a harmonia e a cooperação grupal, por isso também tendem a ser maiores em atletas de modalidades coletivas que individuais (Nia & Besharat, 2010; Trninić et al., 2016).

Além disso, achados apontam que atletas mais novos apresentaram altos níveis de ansiedade competitiva em comparação aos mais velhos (Rocha & Osório, 2018). Altos níveis de ansiedade também foram observados em judocas da categoria infantil (entre 13 e 14 anos) equiparados aos cadetes (15 e 16 anos) (Ruiz Barquín, 2007). Esses dados são justificados pela falta de experiência em competições e menor domínio técnico/tático dos atletas mais jovens.

Em outro estudo, o Questionário de Personalidade (Caprara et al., 1993) foi utilizado para investigar diferenças de personalidade em diferentes idades (Ruiz, 2005). Os dados apontaram que os seniores apresentam maior capacidade de autorregulação, mais reflexivos, altruístas, abertos e menos ansiosos em comparação aos cadetes (15 e 16 anos) e juniores (17 e 19 anos).

Esses dados sugerem que variáveis como idade, categoria e experiência competitiva influenciam na estabilidade emocional e níveis de ansiedade dos atletas. De acordo com os

achados, altos níveis de ansiedade, estresse competitivo e de instabilidade emocional são características associadas ao fator neuroticismo (Balyan, Tok, Tatar, Binboga, & Balyan, 2016; Cerin, 2004).

Apesar desses dados, há necessidade de pesquisas que levantem variáveis individuais (idade), sociais e educacionais para obter resultados robustos e resultados mais consistentes (Filho et al., 2005). Do mesmo modo, também se faz necessário relacionar personalidade com variáveis fisiológicas, físicas e sociais, para elucidar o impacto desses fatores no esporte.

O esporte

O Esporte é uma atividade individual ou em grupo, voltada para o exercício e/ou prazer que, frequentemente testa as capacidades físicas dos praticantes (Eysenck, Nias, & Cox, 1982). Ele pode ser dividido em subáreas, são estas: alto rendimento, iniciação esportiva, esporte adaptado, lazer/prática de tempo livre, esporte escolar, projetos sociais ou reabilitação (Weinberg & Gould, 2017).

De todas as áreas citadas, o esporte de rendimento possui maior notoriedade tanto na esfera aplicada quanto na pesquisa científica. Isso ocorre devido o destaque da mídia, investimento financeiro (marcas, empresas parceiras) e profissionalização, objetivando a otimização do desempenho numa estrutura formal e institucionalizada (Sanches & Rubio, 2011).

O atleta de alto rendimento geralmente é treinado com o objetivo de suportar os diferentes fatores do ambiente competitivo (local, adversários, árbitros, técnicos, torcida, preparação, clima, etc) (Weinberg & Gould, 2017). Por isso, o alto rendimento requer um treinamento árduo, que envolve conhecimentos tecnológicos e psicofisiológicos, bem como o

constante aprimoramento de equipamentos e materiais esportivos (Barros, Angeli, & Barros, 2005).

Nos esportes, vencer e perder geralmente são investigados através de fenômenos como performance (Mellalieu et al., 2009) e sucesso esportivo (Aidman, 2007). Diferentes comparações foram utilizados para investigar personalidade atletas, por exemplo, comparações entre atletas e não atletas; iniciantes e experientes; maior e menor sucesso; recreacional e elite (Allen et al., 2013). Contudo, poucos estudos na psicologia utilizam o ranking como critério de investigação, essa classificação é mais utilizada nas pesquisas na educação física para comparar aspectos antropométricos e fisiológicos entre melhores e piores ranqueados (Douda, Toubekis, Avloniti, & Tokmakidis, 2008; Guidetti, Musulin, & Baldari, 2002).

Estudos sobre vencer e perder em atletas buscam investigar seus determinantes físicos (Campos, Campos, Páez, Saraiva, & Gouveia Jr., 2017), neuro-hormonais (Obmiński et al., 2016), ambientais (Calmet, Miarka, & Franchini, 2010) e comportamentais (Binboga et al., 2012). Similarmente ao contexto natural, atletas vencedores possuem maiores vantagens esportivas, como melhores investimentos, locais de treinamento e maior tempo de preparação (Casto & Mehta, 2009). Desta forma, o ranking possui uma importante função de hierarquização e classificação social no esporte.

Logo, aspectos relacionados ao ranking no esporte podem nortear investigações sobre hierarquia social, dominância. Bem como, ajudar a investigar fatores comportamentais, ambientais, físicas e neuro-hormonais envolvidos no ganhar e perder em esportes de alto rendimento (Campos et al., 2017).

Fenômeno de ganhar e perder

A agressão desempenha um importante papel evolutivo e possui várias funções adaptativas, como o estabelecimento de dominância e a competição por recursos (comida, abrigo, parceiros e territórios) (Oliveira, Silva, & Simões, 2011). Assimetrias comportamentais geralmente são observadas entre os oponentes após uma competição (luta) (Chase & Seitz, 2011). Por exemplo, peixes vencedores emitem mais comportamentos de perseguir e morder, enquanto os submissos tendem a fugir durante a luta (Oliveira et al., 2011). Essas diferenças comportamentais são conhecidas como relações de dominância.

Relações de dominância podem ser encontradas em várias classes animais, como insetos (moscas, vespas, baratas), crustáceos (caranguejos, lagostins e lagostas), répteis (lagartos), aves (galinhas) e mamíferos (macacos e humanos) (Vonk, Alexander, & Kuczaj, 2017). Independentemente da classe, os vitoriosos têm maior acesso a recursos (território, alimentação, abrigo e etc.) e isso os tornam mais atraentes, dominantes e lhes conferem maior atenção, influência ou poder sobre os submissos (Chase & Seitz, 2011).

Desta forma, a motivação para se engajar em competições está relacionada à recompensa advinda da demonstração de domínio e da obtenção do status de vencedor (Casto & Mehta, 2009). Animais com experiência repetida de vitória seriam “dominantes”, apresentando latência reduzida para atacar e os derrotados sucessivamente são “subordinados” com tendência a evitar o contato social (Salvador, 2012).

Experiências repetitivas de vitórias e derrotas afetam a curto e médio prazo os oponentes envolvidos, chamado de efeitos de vencer e perder (Hsu, Lee, & Lu, 2009; Hsu & Wolf, 1999, 2001). Na qual os indivíduos que vencem a primeira disputa possuem maior probabilidade de

vencer as disputas subsequentes e os que perdem tem maior probabilidade de perder as lutas posteriores.

Em não humanos, os efeitos de perder podem durar vários dias, enquanto os do vencer são menos comuns e não duram tanto tempo (Hsu & Wolf, 2001). Em humanos (judocas), ganhar não ampliou a chance de nova vitória, mas perder aumentou a chance de novo fracasso na competição (Campos et al., 2017).

Os esportes de combate são contextos utilizados para verificar relações de dominância (Campos, Saraiva, Campos, Campos, & Gouveia Jr, 2016). Ele é uma das situações que se pode observar comportamentos agressivos ritualizados em humanos (Nelson, 2000). As lutas esportivas possuem um contexto competitivo similar ao natural na qual, os participantes bloqueiam as ações um dos outros para vencer (Escobar-Molina, Courel, Franchini, Femia, & Stankovic, 2014). Portanto, atributos relacionados ao ganhar e perder em animais podem ser paralelos aos determinantes de disputas em humanos (Campos et al., 2016; Chase & Seitz, 2011)

Determinantes de ganhar e perder.

Fatores físicos.

Diferenças físicas tem grande impacto no vencer e perder. Em contexto natural, observa-se que animais maiores e pesados geralmente dominam animais pequenos e leves (Chase & Seitz, 2011). Em modalidades como o judô, por exemplo, os vencedores são mais pesados e altos que os perdedores (Campos et al., 2017; Franchini, Takito, & Kiss, 2000). E nos testes motores, os judocas vencedores também apresentaram maior força manual, força lombar e flexibilidade (Campos et al., 2017).

Achados apontaram que atletas de esporte de contato apresentaram maior peso e altura comparados a modalidades sem contato e a não atletas. Do mesmo modo, atletas com maior estatura apresentaram maiores níveis de agressão. Esses resultados sugerem relações positivas entre tamanho corporal e níveis de agressão em atletas (Lemieux, Mckelvie, & Stout, 2002).

Contudo, achados apontam que maior massa corporal está associada a maior porcentagem de gordura (Franchini, Del Vecchio, Matsushigue, & Artioli, 2011). Esta última, por sua vez, foi associada ao pior desempenho em tarefas que envolvem deslocamento do corpo e número de ataques (Escobar-Molina et al., 2014). Desta forma, a necessidade de reduzir a massa corporal e a porcentagem de gordura é necessária para o sucesso nas modalidades esportivas (Franchini, Takito, Matheus, Brito-Vieira, & Kiss, 1997).

A flexibilidade é a qualidade física responsável pela execução de um movimento de maior amplitude, pelas articulações, dentro dos limites morfológicos, com menor risco de provocar lesões (Amorim, Albertini, Félix, Magalhães, & Soares, 2015). No judô, ela é uma das capacidades físicas importantes nos programas de treinamento devido sua exigência na execução de alguns golpes e no Jiu-jitso se faz necessária, principalmente, nos trabalhos de solo (Franchini et al., 2000; Vecchio, Bianchi, Hirata, & Chacon-Mikahil, 2007).

Em modalidades como o judô, a força de preensão manual é importante para executar a pegada e para que o atleta consiga se impor ao adversário (Lima, Kubota, Monteiro, Baldan, & Pompeu, 2014). Vale ressaltar que, ela é necessária nas duas mãos, considerando que atletas treinados apresentaram modificações da preferência lateral após longo período de treinamento (Mikheev, Mohr, Afanasiev, Landis, & Thut, 2002).

Fatores hormonais.

A testosterona influencia na agressão competitiva de várias espécies, como peixes, macacos, aves e lagartos (Salvador, 2012). Ela aumenta rapidamente em resposta a dicas de competição ou desafio social no ambiente e essas mudanças são funcionalmente importantes para preparar o organismo para interações agressivas sobre recursos importantes para sobrevivência e reprodução, principalmente durante períodos de instabilidade social (Wingfield, Hegner, Dufty, & Ball, 1990).

A função do cortisol em situações agressivas apresentam diversos efeitos. Estudos apontam que em níveis elevados pode melhorar a percepção da situação, promover um processamento rápido de informações e possibilitar busca por soluções mais efetivas pré-competição (Margis, Picon, Cosner, & Silveira, 2003). Por outro lado, esse hormônio aumenta em resposta à defesa social em indivíduos (Wirth, Welsh, & Schultheiss, 2006) e também se correlaciona à respostas de medo, defesa e respostas de estresse (Salvador, 2012).

Estudos investigaram relações entre esses hormônios e dominância (Salvador, 2012). Níveis de testosterona tendem a ser mais elevados em macacos dominantes que em submissos (Mendonça-Furtado et al., 2014). Similarmente, no contexto esportivo, ela tende a diminuir em perdedores pós-competição (Watson & Ziolli, 2012) e a aumentar em vencedores (Casto & Edwards, 2016). Contudo, poucos estudos observaram relações entre cortisol e hierarquia social (Salvador, 2012).

Achados apontam que as alterações nos níveis de testosterona ajudam a manter o status social. Maiores níveis desse hormônio são estimulados em vencedores buscando manter a competitividade. A derrota, por sua vez, envolve uma diminuição na testosterona de forma a

reduzir as possibilidades do organismo se engajar em um novo confronto danoso (Hipótese biossocial) (Mazur, 1985; Mazur & Booth, 1997).

Fatores comportamentais.

Nas relações de dominância os organismos frequentemente estão em conflito entre adquirir benefícios (alimento, parceiros) e proteger-se do perigo (Oliveira et al., 2011). Nesse contexto, a capacidade de assumir riscos pode ser adaptativa, caso os benefícios sejam vantajosos em relação ao risco da situação (Chase & Seitz, 2011). Assumir riscos, a nível individual, geralmente é medida pelo *continuum* timidez e ousadia na qual, a primeira está relacionada a sucesso na competição e timidez a aversão a riscos (Campos et al., 2016).

Padrões comportamentais podem influenciar no resultado de dominância em seres vivos (Hsu & Wolf, 1999; Mendonça-Furtado et al., 2014; Oliveira et al., 2011). Aves que visitavam mais locais desconhecidos dominavam aqueles com menor exploração (Fox, Ladage, Ii, & Pravosudov, 2009). Peixes com maior ousadia são mais propensos a dominar outros (Sundström, Petersson, Höjesjö, Johnsson, & Järvi, 2015). Trutas que tiveram respostas mais proativas e curtas ao estresse dominavam os com menor (Øverli et al., 2004). Esses resultados apontam uma consistente relação entre capacidade de assumir riscos e os fenômenos de agressão e exploração (Chase & Seitz, 2011).

Em humanos, o *continuum* timidez e ousadia podem estar relacionados à extroversão (Gosling & John, 1999). Indivíduos com altos escores nesse fator tendem a ser fisicamente ativos e explorar ambientes, ou seja, apresentam predisposição a riscos e busca de estímulos (Nettle, 2006). Em atletas, essas características podem facilitar a busca para atingir objetivos e o sucesso esportivo (Kang, Han, Hannon, Hall, & Choi, 2015).

Além da capacidade de assumir riscos, a assertividade também é uma característica relevante para o estabelecimento de dominância (Chase & Seitz, 2011). Ela é conceituada como o uso de legítima e aceitável força física e de um alto grau de esforço para alcançar um objetivo externo sem a intenção de ferir o oponente. Ademais, assertividade está relacionada à coragem competitiva e alta posição no ranking social em animais (Gosling, 1998; Morton et al., 2013; Weiss et al., 2015).

Por exemplo, no zoológico e no laboratório, macacos que apresentavam maior assertividade eram menos prováveis de ser alvos de agressão e menos solitários (Morton et al., 2013). Entre bonobos, indivíduos com alta assertividade tinham maior atividade social, menos prováveis de receber agressão e de recuar em encontros agonísticos (Weiss et al., 2015). De modo geral, esses achados apontam que posições de dominância estão relacionadas a traços de personalidade que, por sua vez, podem diferir entre dominantes e submissos.

Assim como ousadia, assertividade tem sido positivamente correlacionada à extroversão, altruísmo e agressividade em humanos (Eysenck, 1989). Goldberg (1990) descreveu que altos escores em extroversão apontam tendências de comunicação, assertividade e níveis de atividade, mas baixos níveis sugerem silêncio, passividade e pouca atividade. Na escala 16 PF (Cattell, 1956), esse fator mede o contínuo submissão vs dominância na qual pessoas com baixos escores são facilmente influenciadas, enquanto altos escores descrevem pessoas mais assertivas e competitivas.

No contexto esportivo do judô, atletas de maior nível competitivo (super-elite) usavam mais instruções de ataque comparados aos de elite (Franchini, Sterkowicz, Meira, Gomes, & Tani, 2008). Do mesmo modo, competidores de nível internacional realizavam mais ações, nas

fases de preparação e aderência, antes de executar um ataque, em comparação a iniciantes e praticantes de judô (Calmet et al., 2010).

Além disso, judocas vencedores atacam cinco vezes mais efetivamente após receber um *shido*, enquanto perdedores tendem a ser três vezes mais penalizados (Escobar-Molina et al., 2014). Contudo, a maioria das penalidades ocorrem devido à passividade, indivíduos que atacam mais são menos prováveis de serem penalizados. Isto aponta que vencedores reagem melhor a situações desvantajosas ou aversivas e tendem assumir mais riscos (ousadia) e ser mais assertivos em relação aos perdedores.

Apesar dos estudos apontarem a relevância dos traços de personalidade no esporte, ainda encontra-se contradições. Por exemplo, altos escores em neuroticismo têm sido relacionados a características que atrapalham o desempenho esportivo (raiva, ansiedade e depressão) (Allen, Greenlees, & Jones, 2013; Kang et al., 2015; Rhodes & Smith, 2006a). Contudo, traços de ansiedade foram mais altos em judocas vencedores que em perdedores (Filaire, Maso, Sagnol, Ferrand, & Lac, 2001).

A relação entre traços de personalidade e outras características psicológicas tem sido muito estudadas no contexto esportivo. Estudos apontam que vitórias e derrotas também tem relação com atributos, como estratégias de *coping* (Allen et al., 2011; Bernacka, Sawicki, Mazurek-Kusiak, & Hawlena, 2016; Connor-Smith & Flachsbart, 2007; Filaire et al., 2001; Hanson, McCullagh, & Tonymon, 1992; Stoeber & Janssen, 2011), resistência mental (Cowden, Crust, Jackman, & Duckett, 2019; Meggs, Chen, & Koehn, 2019) e inteligência emocional (Mastram & Jaswant, 2016; Rohrer, Egloff, & Schmukle, 2015) entre outros.

Traços de neuroticismo, por exemplo, apresenta correlações negativas com inteligência emocional e estratégias menos eficientes de *coping* (Mastram & Jaswant, 2016), mas está

positivamente ligada a ansiedade (Balyan et al., 2016; Rhodes & Smith, 2006b; Santos et al., 2003). Em tenistas, alta ansiedade está relacionada a péssimas tomadas de decisão (Parma et al., 2019). Por outro lado, atletas extrovertidos utilizaram estratégias mais eficazes para lidar com estresse (suporte social) e foram positivamente associados à inteligência emocional (Mastram & Jaswant, 2016).

De modo geral, observa-se que aspectos comportamentais do sucesso esportivo, incluindo o resultado de ganhar ou perder, necessitam de mais estudos (Campos et al., 2016), já que estes têm também tem relação com engajamento esportivo e são necessários para identificar como o atleta enfrenta situações competitivas (Franchini, 1999).

Judô

O judô é um dos esportes olímpicos mais praticados no Brasil (Franchini et al., 2008). Essa arte marcial foi fundada por Jigoro Kano em 1882. A palavra “Judô” pode ser traduzida para “caminho suave” e tem como principais pressupostos: a não resistência e o aproveitamento da força do oponente (Matsumoto, 1996).

Essa luta pode variar de alguns segundos até 5 minutos, mas pode se estender por mais tempo devido os *matês* (paradas intermediárias). Se houver empate, uma prorrogação, chamada de *Golden Score*, ocorre. Ela dura três minutos e o combate será encerrado quando um atleta conseguir a primeira pontuação sobre o outro. (Ebell, 2008).

O judô deve ser praticado em um piso especial (tatame) que é composto por pequenos colchões de um metro de largura por dois metros de comprimento (mínimo 14 metros, máximo 16 metros de área total). Durante a luta pode-se obter pontos a partir de diferentes técnicas, dentre elas, imobilização (*Ossae-waza*), quadril (*Koshi-waza*), braço (*Te-waza*), estrangulamento

(*Shime-waza*) e outras (Matsumoto, 1996). Elas são pontuadas de acordo com o tempo de imobilização do oponente e projeção resultante.

Essa luta tem como objetivo derrubar o oponente, imobilizando-o, com as costas e ombros no chão durante 20 segundos, conhecido como *Ippon*, após isso a luta se encerra. Contudo, se o rival cair sem ficar com os dois ombros no tatame ou ficar imobilizado por 10 segundos ou mais, porém menos de 20 segundos é dado *Waz-ari*, essa não finaliza a luta, mas dá vantagem a quem a realizou. Além dessas, existem pontuações menores como o *koka* e *yuzo* (Confederação Brasileira de Judô, 2018).

Durante a luta são proibidas algumas ações contra o adversário. Um judoca pode ser penalizado por: falta de combatividade (o competidor não demonstrar esforço em tentar derrubar o adversário), desarrumar o kimono, colocar os dedos por trás das mangas do adversário, tentar a imobilização envolvendo a cabeça ou o pescoço do adversário (Confederação Brasileira de Judô, 2018). A punição do adversário é outro meio de obter uma pontuação seguindo ordem (do menor para o maior): *shido*, *chui*, *keikoku* e *hansoku-make* (Emerson Franchini et al., 2008). Quando um atleta é punido o outro logo recebe a pontuação.

Essa arte marcial é dividida por níveis representados por faixas que, no nível intermediário, podem ser divididas em laranja (idade mínima: 11 anos), verde (idade mínima: 12 anos), roxa (idade mínima: 13 anos) e marrom (idade mínima: 14 anos); Em idades: sub-13 (entre 11 e 12 anos), sub-15 (entre 13 e 14 anos), sub-18 (entre 15 e 17 anos), sub-21 (entre 15 e 20 anos), sênior (acima de 15 anos) e veterano (a partir de 30 anos); E em pesos: superligeiro, ligeiro, meio-leve, leve, meio médio, médio, meio pesado, pesado, superpesado. O peso mínimo de cada uma dessas categorias varia de acordo com a idade (Confederação Brasileira de Judô [CBJ], 2018).

No judô, atletas de faixas diferentes podem lutar. Além das faixas e dos pesos existem as categorias: Sub 13 (11 e 12 anos), sub15 (13 a 14 anos), sub18 (15 a 17 anos), sub21 (menores de 21 anos), sênior (acima de 15 anos) e veterano (a partir de 30 anos). Todos esses atletas, independente da categoria, são classificados pelo *ranking*.

O *ranking* é construído a partir da tabela de pontuações. Ela pode ir do 1º ao 7º lugar dependendo do evento. Além disso, existem pontos de participação para atletas abaixo do 7º lugar em alguns torneios, sempre menores e iguais para os participantes. Os eventos podem ser locais, regionais, estudantis/universitários, nacionais e internacionais (pontuação máxima). Todas essas pontuações são consideradas para classificação geral do judoca no *ranking* anual.

Especula-se que nas lutas, como o judô, o *ranking* é um dos elementos importantes para o fenômeno de ganhar e perder na qual os indivíduos no fim do *ranking* tiveram mais efeitos de perder e os no topo de ganhar. Desta forma, considerando que diferenças comportamentais entre vencedores e perdedores podem ser investigadas por meio da personalidade. Este estudo buscou verificar a relação dos traços no fenômeno de ganhar e perder em judocas.

Objetivo geral

Verificar possíveis diferenças de personalidade entre judocas vencedores e perdedores do *ranking*.

Objetivos específicos

- Levantar o perfil dos judocas em relação á rotina esportiva (anos de prática, frequência semanal e horas de treino diário) e características morfofuncionais (altura, massa corporal, flexibilidade, preensão manual).

- Comparar os judocas por faixa e escolaridade
- Comparar os traços dos judocas na amostra da Bateria Fatorial de Personalidade
- Correlacionar os traços de personalidade e as medidas morfofuncionais dos judocas
- Verificar diferenças entre os traços dos vencedores (13 melhores colocados) e perdedores (13 piores colocados)

Método

Participantes

Trinta e dois judocas (idade entre 17 e 50 anos), do sexo masculino, com no mínimo seis anos de prática esportiva e faixa mínima roxa. Foram excluídos da pesquisa atletas com escolaridade abaixo do ensino fundamental completo e com algum distúrbio psicológico/neurológico declarado. Todos os atletas participaram das medidas comportamentais e destes apenas 30 realizaram as medidas morfofuncionais. A ordem das medidas variou dependendo da disponibilidade de local e horário do atleta.

A pesquisa foi iniciada conforme a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará (UFPA) parecer nº 1.622.308. A confirmação do participante na pesquisa foi determinado pela assinatura do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) voltado para este fim. No entanto, para menores de 18 anos foi solicitado o TCLE assinado pelos responsáveis e um Termo de assentimento assinado pelos participantes.

Local da coleta de dados

A Anamnese, a Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) e o TCLE foram respondidos e/ou assinados no local e horário de conveniência dos atletas (Academia, residência ou local de

trabalho). As medidas morfofuncionais foram realizadas no local de treino, no mínimo 10 minutos antes do início do treinamento.

Instrumentos

Anamnese: Composta de questões relacionadas à identificação do atleta (nome, idade, sexo, data de nascimento, endereço, telefone, equipe que compete, treinador e faixa) e dados de vida esportiva como: problemas de saúde, uso de medicações, drogas e outras substâncias, tabagismo, anos de prática de judô, frequência semanal e horas diárias de treinamento.

Ficha dos dados morfofuncionais: Para preencher as medidas de peso, altura, IMC e preensão manual.

Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) (Nunes et al., 2010): composta por 126 itens, que descrevem sentimentos, opiniões e atitudes numa escala *Likert* de sete pontos (1 a 7) respondida de acordo com concordância do indivíduo com a assertiva do teste e investiga as dimensões de Extroversão, Socialização, Realização, Neuroticismo e Abertura a experiências.

Aparato para medidas morfofuncionais

Os dados morfofuncionais foram de altura, massa, força de preensão manual e flexibilidade lombar. Para tanto foram utilizados: fita métrica (altura), balança antropométrica (massa corporal), dinamômetro (preensão manual) e banco de Wells (flexibilidade).

Procedimento

O procedimento ocorreu em dois dias diferentes os para cada participante, conforme descrito:

- **Dia 1** (Assinatura do termo, preenchimento da anamnese e do BFP): Após a assinatura do termo e o preenchimento da anamnese, os participantes recebiam as instruções da pesquisadora para o preenchimento do teste psicológico (BFP). Para aplicação do instrumento, foram atendidos os critérios de privacidade, isolamento acústico e iluminação, recomendados no manual. Todos os atletas foram assegurados quanto à confidencialidade, informados sobre o procedimento e possíveis riscos envolvidos.
- **Dia 2** (medidas morfofuncionais): A massa corporal foi feita com balança antropométrica (KIKOS) e a altura com uma fita métrica afixada na parede. A força manual foi obtida através do dinamômetro em quilograma-força (Jamar), na qual foram feitas seis medidas alternadas entre a mão dominante e não dominante (três para cada mão), para pesquisa foi considerada o valor mediano obtido em cada mão (esquerda e direita), versão adaptada do método de Caporrino et al., (1998). A flexibilidade lombar foi medida utilizando o banco de Well's, esse teste consistia em sentar e alcançar o máximo que conseguia o fim do banco, três tentativas foram realizadas e a maior medida foi considerada para pesquisa, segundo padronização de Guedes & Guedes (2006). Essas medidas foram coletadas por uma professora de educação física com experiência na aplicação desses testes.

Ranking

Apenas 26 dos 32 atletas da pesquisa foram encontrados no ranking. A pontuação individual desses judocas foi utilizada para classifica-los entre vencedores e perdedores a partir da própria amostra. Eram considerados vencedores aqueles que tinham da 1ª até 13ª maior pontuação e perdedores os que tinham da 14ª até a última colocação.

Análise estatística

Como os dados apresentaram distribuição normal (*Kolmogorov-Smirnoff*), estatísticas descritivas foram utilizadas para descrever o perfil da amostra (média e desvio padrão) (n=32). O teste T (uma amostra) foi utilizado para comparar a amostra da pesquisa e a do manual (BFP) (n=32). Os traços, as medidas morfofuncionais e a rotina esportiva foram correlacionados utilizando o teste de Pearson (n=30). Por fim, foi utilizado o Teste T (amostras independentes) para verificar possíveis diferenças entre vencedores e perdedores em todas as variáveis pesquisadas.

Resultados

Análise da amostra

Tabela 2

Perfil da amostra (Dados sóciodemográficos, morfofuncionais e rotina esportiva), apresentados em número de participantes (n), porcentagem (%), média±desvio padrão.

Perfil dos judocas				
			n	%
Sociodemográficos	Faixa	Preta	19	59%
		Marrom	9	28%
		Roxa	4	13%
	Categoria	Master	7	22%
		Sênior	18	56%
		Sub 21	7	22%
	Escolaridade	Pós-graduação	3	9%
		Superior	14	44%
		Ens. Médio	14	44%
		Ens.		
Fundamental		1	3%	
Idade	26,81±7,14	28,69 ± 7,78	25,69 ± 8,04	
		Amostra (n=32)	Vencedores (n=13)	Perdedores (n=13)
Rotina esportiva	Anos de prática	16,72 ± 7,75	18,77 ± 7,99	15,77 ± 8,79
	Frequência semanal*	3,91 ± 1,61	3,15 ± 1,57	4,92 ± 1,18
	Horas de treino diário	2,05 ± 0,78	2,07 ± 0,92	2,22 ± 0,60

		Amostra (n=30)	Vencedores (n=13)	Perdedores (n=13)
Morfofuncionais	Altura	1,74 ± 0,06	1,78 ± 0,06	1,72 ± 0,04
	Massa corporal	82,78 ± 13,68	89,07 ± 14,95	80,66 ± 12,05
	Flexibilidade	31,37 ± 6,01	32,08 ± 6,22	28,92 ± 5,62
	P. esquerda	45,83 ± 6,07	46,62 ± 5,83	46,23 ± 6,90
	P. direita	49,03 ± 5,84	50,69 ± 5,21	47,92 ± 6,37
	Soma das duas mãos	94,87 ± 10,96	97,31 ± 10,99	94,15 ± 12,52

P = preensão

Na tabela 1, é possível observar que a maioria da amostra foi composta por faixas pretas (59%), seguidos por atletas de faixas marrons (28%) e roxas (13%). Os atletas, em sua maioria, disputavam na categoria sênior (56%) e cursavam ou concluíram o ensino superior e médio (44% cada). A média total de idade foi de 26 anos, e os perdedores eram mais jovens comparados aos vencedores.

Em relação à rotina esportiva, os vencedores apresentaram menores médias em horas de treino diário e frequência semanal destas, apenas a última apresentou diferença significativa ($t(24) = -2,49$, $p=0,020$). Os atletas apresentaram maiores médias em todas as variáveis das medidas morfofuncionais, contudo não houve significância entre os status (vencedores e perdedores).

Comparação por faixa e escolaridade

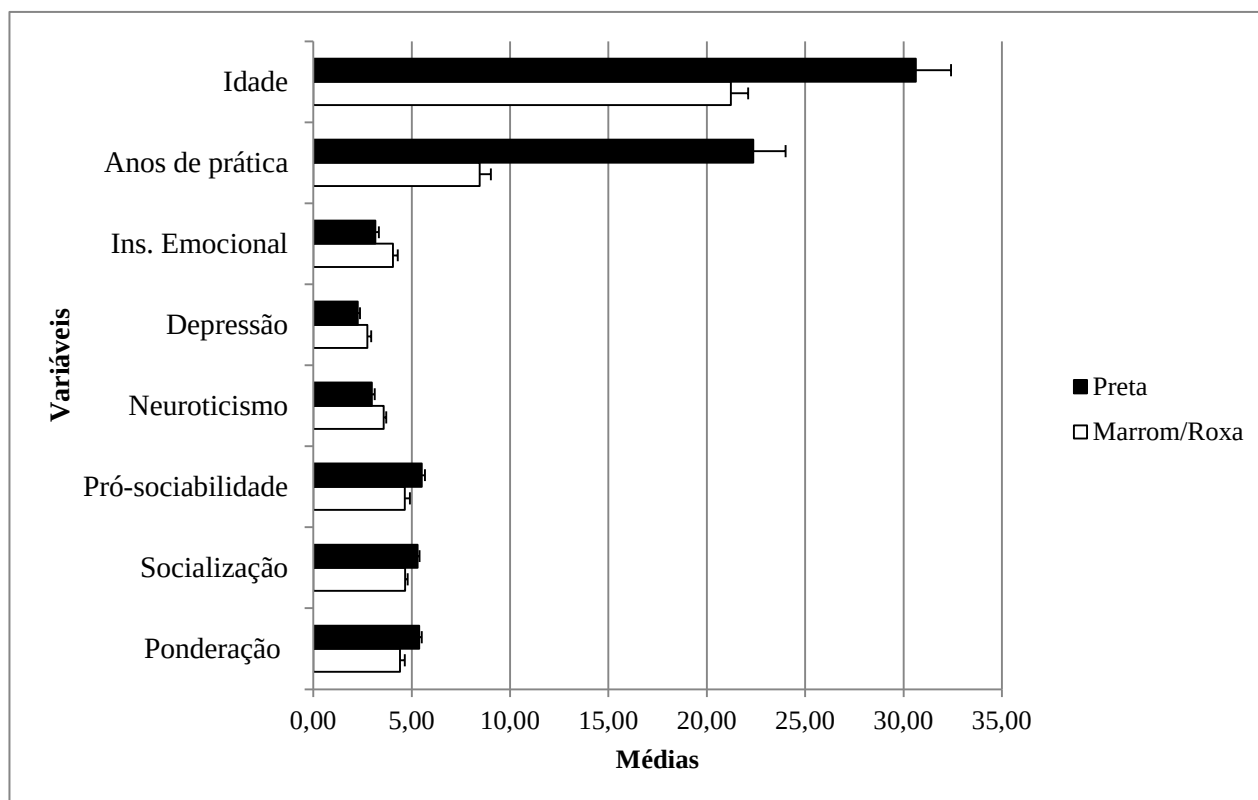


Figura 1. Variáveis com diferença significativa na comparação por faixa

Foram encontradas diferenças significativas em 10 variáveis na comparação entre atletas faixa preta (n=19) e os das outras faixas (n=13). Na figura 1, é possível observar que os faixas pretas apresentaram médias significativamente maiores nas variáveis: idade ($t(25)=3,20$, $p=0,004$), anos de prática ($t(24,84)=6,28$, $p<0,001$), pró-sociabilidade ($t(26)=2,97$, $p=0,006$), socialização ($t(14)=2,84$, $p=0,013$) e ponderação ($t(26)=2,04$, $p<0,005$).

Por outro lado, esse grupo apresentou diferenças menores em instabilidade emocional ($t(26)=-2,56$, $p<0,005$), depressão ($t(26)=-2,12$, $p<0,005$) e neuroticismo ($t(26)=-2,30$, $p<0,005$). Em escolaridade, não houve diferença significativa entre os atletas que cursam o ensino superior e o médio.

Comparação dos judocas com a amostra do BFP.

O BFP obteve o *coeficiente de Cronbach* de 0.86 ($n = 126$) para esta amostra (figura 2). Coeficientes acima de 0.70 são considerados satisfatórios de acordo com a classificação. Com base nela, pode ser inferido que o teste teve um bom nível de confiabilidade para este estudo. Os fatores desta bateria obtiveram os seguintes coeficientes: Neuroticismo=0.84 ($n=29$), Extroversão =0.74 ($n=25$), Socialização=0.71 ($n=28$), Realização=0.83 ($n=21$), Abertura=0.37 ($n=23$).

Em comparação com a amostra padronizada do BFP, é possível observar na figura 2 que os judocas apresentaram médias significativamente maiores nos subfatores de interações sociais ($t(30)=2,035$, $p=0,005$) e amabilidade ($t(30)=2,502$, $p=0,018$). Por outro lado, houve médias significativamente menores no fator abertura ($t(30)=-3,551$, $p=0,001$) e nos subfatores abertura à ideias ($t(30)=-2,844$, $p=0,008$) e liberalismo ($t(30)=-2,6882$, $p=0,012$). Contudo, busca de sensações apresentou elevados níveis em judocas ($t(30)=-1,628$, $p=0,114$) apesar de não ter tido significância estatística.

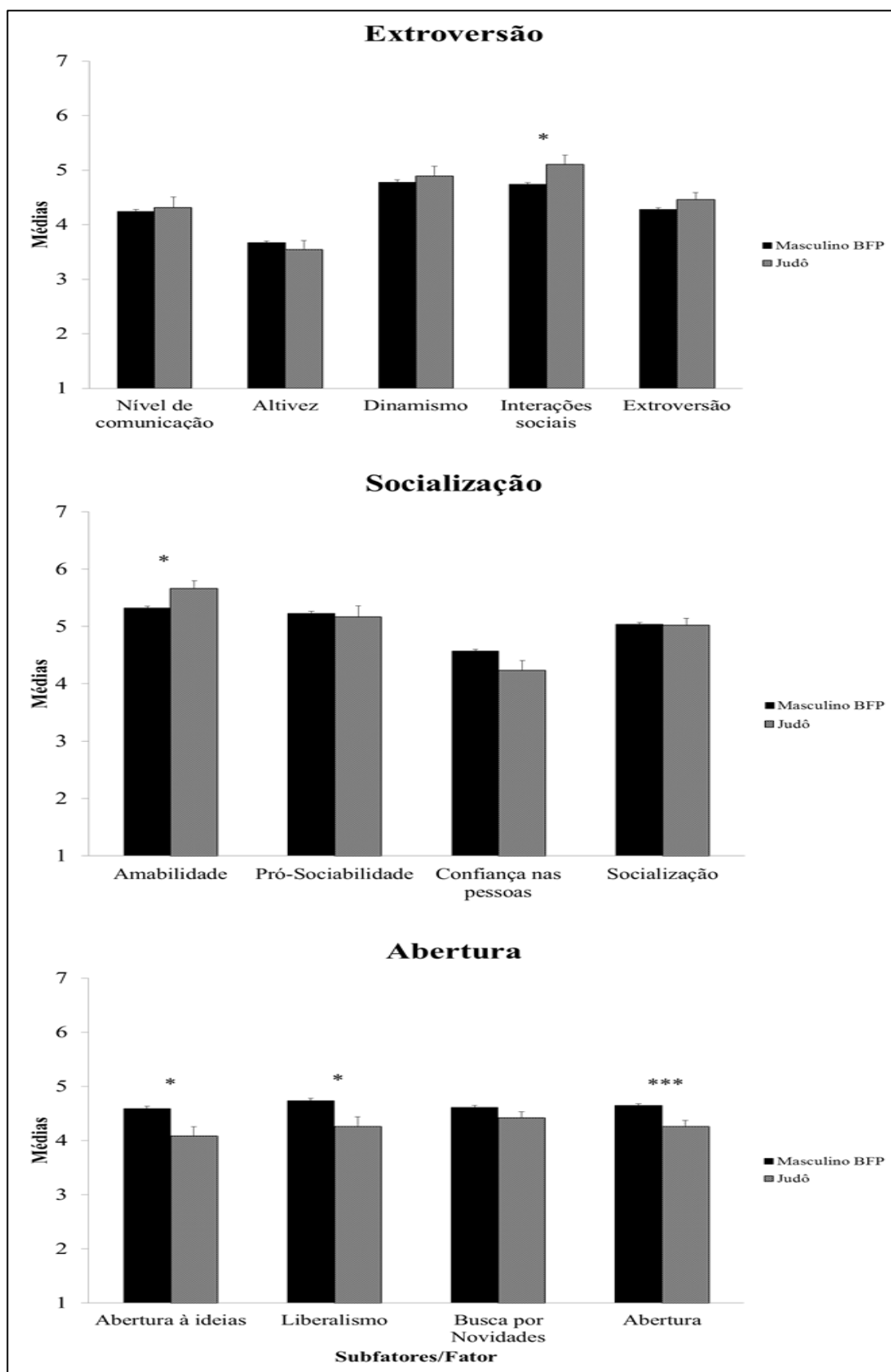


Figura 2. Diferenças significativas entre a amostra de judocas e amostra do sexo masculino do BFP. Os asteriscos apontam diferenças estatísticas (*) $\leq 0,05$; (**) $\leq 0,005$; (***) $\leq 0,0001$

Correlação entre traços de personalidade e medidas morfofuncionais

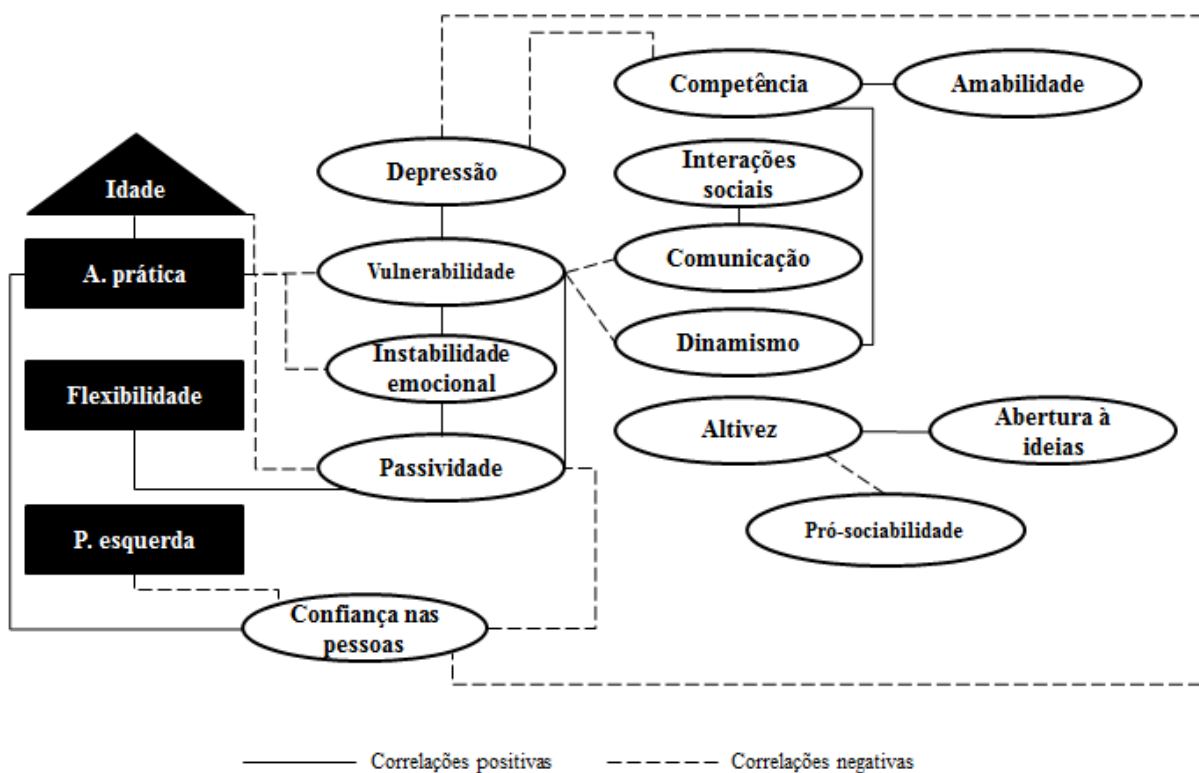


Figura 3. Correlações significativas entre traços e medidas morfofuncionais (correlação de Pearson. Foi considerado $p < 0,05$)

Foram encontradas 23 correlações significativas entre os traços e as medidas (figura 3). Entre as correlações positivas encontra-se: anos de prática com idade ($r=0,9$, $p < 0,001$) e confiança nas pessoas ($r=0,5$, $p=0,009$); passividade com flexibilidade ($r=0,52$, $p=0,007$), instabilidade emocional ($r=0,53$, $p=0,005$) e vulnerabilidade ($r=0,64$, $p < 0,001$). Os traços associados a outros traços: vulnerabilidade com instabilidade emocional ($r=0,41$, $p=0,04$) e depressão ($r=0,54$, $p < 0,005$); competência com dinamismo ($r=0,61$, $p=0,001$) e amabilidade ($r=0,64$, $p < 0,001$); altivez com abertura à ideias ($r=0,52$, $p=0,006$); interações sociais e comunicação ($r=0,51$, $p=0,008$).

Entre as correlações negativas estão: idade com vulnerabilidade ($r=-0,66$, $p<0,001$), instabilidade emocional ($r=-0,56$, $p<0,005$) e passividade ($r=-0,59$, $p<0,005$). Similarmente, anos de prática também se correlacionou com as variáveis citadas anteriormente ($r=-0,56$, $p<0,005$), ($r=-0,61$, $p=0,001$), ($r=-0,56$, $p<0,005$); prensão da mão esquerda com confiança nas pessoas ($r=-0,50$, $p=0,009$). Traços associados a outros traços: Vulnerabilidade com comunicação ($r=-0,66$, $p<0,001$) e dinamismo ($r=-0,57$, $p<0,005$); depressão com confiança nas pessoas ($r=-0,51$, $p=0,008$) e competência ($r=-0,51$, $p=0,008$); altivez e pró-sociabilidade ($r=-0,53$, $p=0,006$).

Comparação dos traços de personalidade entre vencedores e perdedores

Na figura 4, estão apresentados os escores de personalidade entre status. É possível observar que os vencedores apresentaram maiores médias significativas nos traços de altivez ($t(23,77) = 2,30$, $p=0,031$) e dinamismo ($t(24)=3,24$, $p=0,003$). Além disso, eles também apresentaram menor média de frequência de treino que os perdedores ($t(24)=2,49$, $p<0,020$).

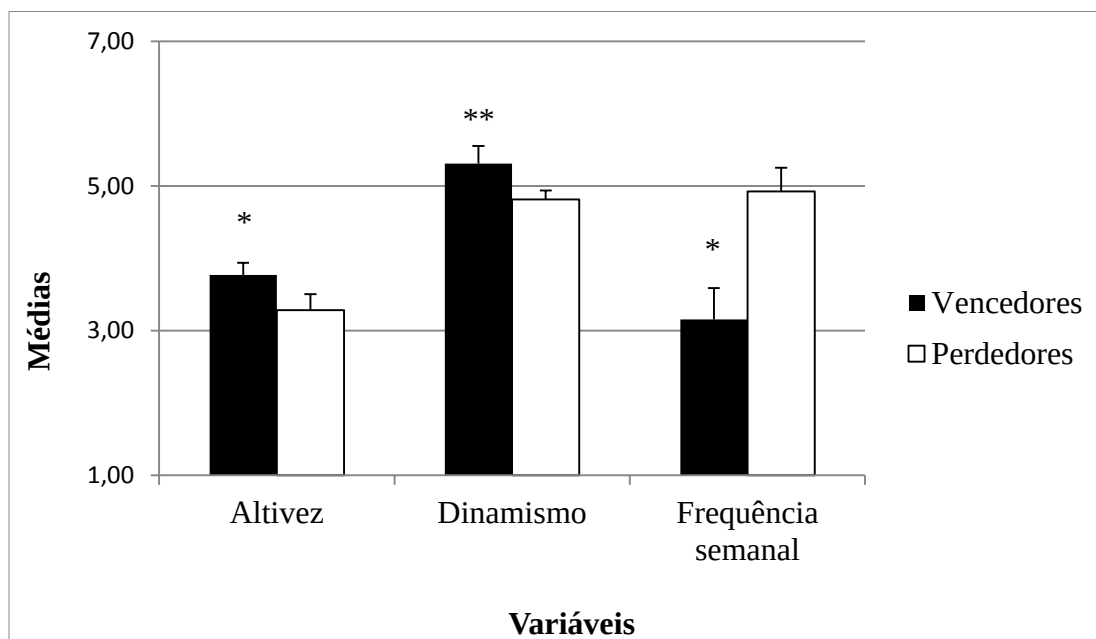


Figura 4. Diferenças significativas entre vencedores e perdedores no BFP e na rotina esportiva. Significâncias representadas por (*) $p<0,050$ e (**) $p<0,005$.

Discussão

Diferenças entre judocas e amostra do BFP

Os judocas comparados à amostra do sexo masculino do BFP apresentaram: maiores níveis de interações sociais e amabilidade, junto com baixos níveis do fator abertura e dos traços abertura á ideias e liberalismo. Desta forma, esses dados apontam que atletas tendem a buscar ativamente situações que permitam contato com outras pessoas e são mais atenciosos, compreensivos e empáticos. Por outro lado, são mais conservadores em suas preferências, ideias e valores.

Em relação ao traço de interações sociais (subfator de extroversão), os dados deste estudo corroboram com a literatura que apontam maiores níveis de extroversão em atletas comparados a não atletas (Allen et al., 2013; Allen & Laborde, 2014; Filho & Ribeiro, 2005; Filho et al., 2005; Jarvis, 2006). Os estudos discutem esses achados de duas formas: pelas diferenças preexistentes entre atletas e não atletas ou pela influência da atividade física nas características de personalidade.

Na primeira perspectiva, indivíduos com altos escores de extroversão tendem a escolher atividades físicas para aumentar a excitação cortical, enquanto pessoas com baixos escores evitariam isso. Considerando que altos níveis de extroversão estão presentes antes da escolha da prática esportiva e que esse fator é estável ao longo do tempo. Conclui-se que são as características de personalidade que selecionam a preferência por atividades físicas (Lemieux et al., 2002; Malinauskas et al., 2014; Mckelvie et al., 2003).

Em outra perspectiva, dados apontam que o esporte é um contexto social que facilita as interações entre atletas, técnico e o público em geral. Logo, se justificaria as relações entre extroversão, participação esportiva e atividade física (García-Naveira & Ruiz Barquín, 2013).

Ademais, estudos argumentam que se investiga muito sobre a influência dos traços no esporte, mas pouco se sabe sobre o papel do esporte na personalidade do indivíduo (Allen & Laborde, 2014). Portanto, não é possível tirar hipóteses absolutamente conclusivas sobre uma das perspectivas.

De modo geral, ambas podem ser utilizadas para compreender o perfil do atleta. Em crianças e jovens, por exemplo, o foco seria na investigação da influência do contexto na personalidade, enquanto, em adultos, o foco seria a estabilidade e seleção do esporte (García-Naveira & Ruiz Barquín, 2013).

O próprio contexto do judô pode justificar os altos escores em interações sociais encontrados neste estudo. Apesar de ser considerado um esporte individual, ele apresenta algumas características de modalidades coletivas como os treinos, aprendizagem das técnicas e exames de faixa, que geralmente são treinadas em pares (em díades) para serem avaliadas pelos examinadores durante o teste (CBJ, 2018)

Os altos níveis de amabilidade encontrados nos judocas desta pesquisa também são comuns em atletas de esportes coletivos (Jackson, Dimmock, Gucciardi, & Grove, 2011; Trninić et al., 2016). Ele descreve pessoas proativas e que tendem a ser atenciosas com as demais e se faz importante para o comprometimento, interações calorosas e inclusivas entre os membros (Jackson et al., 2010) e técnicos (Jackson et al., 2011).

No fator abertura, os dados encontrados nesse estudo corroboram com achados em modalidades individuais como o tênis de mesa (Gonçalves et al., 2014). Baixos níveis de abertura descrevem pessoas conservadoras e fiéis a seus gostos e conceitos. Em liberalismo, baixos escores apontam pouco interesse em relativizar valores e conceitos sociais e entendimento de que os valores adotados não devem ser mudados com o passar do tempo.

Em discordância com estudos realizados com ultramaratonistas (Hughes, Case, Stuempfle, & Evans, 2003) e atletas de alto risco (Kajtna et al., 2004), os judocas apresentaram baixos escores no fator abertura e em seus subfatores abertura á ideias e dinamismo quando comparadas a amostra do sexo masculino do BFP.

Esse dado pode estar relacionado aos valores e regras ensinados dentro desse esporte. A prática do judô exige disciplina (manutenção do peso), repetição (aprendizagem e execução das técnicas) e estratégia (Gelman, Yoffie, & Kwak, 2002). Além disso, atletas competitivos geralmente apresentam alto grau de exigência e perfeccionismo, podendo apresentar maior rigidez nas suas regras e valores (Stoeber, 2011).

De modo geral, pode-se considerar que o judô apresenta um contexto que demanda e desenvolve características de amabilidade e interações sociais encontradas em atletas de modalidades coletivas. E traços de modalidades individuais como conservadorismo e fidelidade ás preferências, regras e valores.

Diferenças entre faixas

Os atletas de faixa marrom/roxa são mais jovens e menos experientes em relação à preta. Além disso, apresentaram maiores níveis de Neuroticismo, instabilidade emocional, depressão; e menores escores de socialização, pró-sociabilidade e ponderação.

Apesar dos indivíduos praticarem o mesmo esporte, perfis diferentes podem ser encontrados dependendo da faixa dos judocas. A própria organização do judô exige carência mínima para que o indivíduo mude de faixa (CBJ, 2018). E para isso, o judoca precisa apresentar os conhecimentos e habilidades necessários para ascender à próxima faixa. Como a faixa preta é

alcançada após a marrom e a roxa, esse dado justifica as maiores médias de idade e anos de prática dos judocas nesta faixa.

Anos de experiência e idade podem estar relacionados às diferenças encontradas nos traços nas faixas e correlações investigadas. Estudos prévios apontam que atletas mais novos apresentam mais sentimentos de insegurança, dependência emocional, ansiedade competitiva e uso menos elaborado de estratégias de *coping* (Rocha & Osório, 2018), características que geralmente estão associadas a altos escores de neuroticismo e seus subfatores.

Atletas experientes apresentam maior capacidade para controlar as preocupações e percebem a competição de forma mais positiva, sendo mais autoconfiantes e eficientes em desenvolver estratégias de *coping* (Mellalieu et al., 2009; Rocha & Osório, 2018). Por outro lado, achados com judocas infantis demonstraram que alta ansiedade se relaciona ao menor domínio técnico-tático e falta de experiência em situações competitivas estressantes (García, Zafra, & Toro, 2008)

Em nadadores, por exemplo, devido a maior maturidade que os atletas atingem com a experiência ao avançar da idade, melhor o controle da ansiedade em situações competitivas (Souza, Teixeira, & Lobato, 2012). Dados similares também foram encontrados em atletas de vôlei (Ferreira, Rodrigues Leite, & Nascimento, 2010), jogadores de futebol (Vasconcelos-Raposo, Coelho, Mahl, & Fernandes, 2007), basquete, hockey e baseball (Smith, Smoll, Sean, & Grossbard, 2006). Isso aponta a consistência desse achado independentemente da modalidade esportiva investigada (coletiva ou individual).

O fator socialização e seus subfatores também são influenciados pela idade. Achados mostram que atletas seniores apresentam altos níveis de socialização e baixos níveis de reações agressivas, em comparação aos mais jovens (Trninić, Trninić, & Penezić, 2016). Além disso,

uma pesquisa realizada com 346 judocas apontou que os seniores tendem a ser mais altruístas, cooperativos, amigáveis, cordiais e generosos em comparação ao restante das categorias (García-Naveira & Ruiz Barquín, 2013).

A relação entre os traços de amabilidade e competência encontrada nas correlações deste estudo podem ser elucidadas através da relação entre socialização e ansiedade competitiva. Por exemplo, indivíduos mais sociáveis apresentam baixos níveis de ansiedade frente a uma importante competição (Ode & Robinson, 2007). Além disso, altos níveis nesta dimensão podem contribuir na regulação deste estado influenciando na melhora do desempenho esportivo (Binboga et al., 2012).

Correlações entre as variáveis investigadas

As correlações negativas entre pró-sociabilidade e altivez podem ser explicadas através de suas características. O traço de pró-sociabilidade se relaciona a comportamentos de risco, concordância ou confronto com leis, enquanto altivez caracteriza percepções sobre capacidade e valor (Nunes et al., 2010). Portanto, atletas com elevados níveis de altivez tendem a colocar as suas necessidades e capacidades acima das de outras pessoas, propensos a burlar regras e confrontar leis.

Nesta pesquisa, todos os traços de neuroticismo correlacionaram-se entre si (depressão, vulnerabilidade, instabilidade emocional e passividade). Estudos geralmente apontam correlações positivas entre ansiedade e os traços citados (Nunes et al., 2010; Raglin, 2001). Em concordância com os dados desta pesquisa, atletas de tênis de mesa também apresentaram correlações entre os traços de depressão e vulnerabilidade (Gonçalves et al., 2014).

Estudos sugerem que traços de neuroticismo podem ser utilizados para compreender a predisposição de atletas à ansiedade e para prever respostas dos atletas à competição. Por exemplo, dados com judocas apontam que alta ansiedade e reatividade emocional estão relacionadas ao medo pré-competitivo de falha (Obmiński et al., 2016).

As correlações negativas entre o traço de depressão, competência e confiança nas pessoas, bem como, esta última e passividade podem estar relacionadas à forma de lidar com estresse (coping). Indivíduos com altos escores em neuroticismo desenvolvem estratégias para ignorar ou esquivar do estímulo estressor (Connor-Smith & Flachsbart, 2007).

Traços de comunicação, dinamismo e altivez (ligados ao fator extroversão) estão positivamente correlacionados a interações sociais, a abertura à ideias e competência, respectivamente. Dados apontam que melhores performances esportivas estão ligadas a médios e altos escores nesse fator. Atletas extrovertidos geralmente utilizam estratégias de enfrentamento voltadas para fonte estressora e tendem a participar de contexto que ofereça suporte social (Connor-Smith & Flachsbart, 2007; Lazarus, 2000).

Também foram observadas correlações positivas entre traços (passividade) e medidas morfofuncionais (flexibilidade). Dados discutem que apesar de neuroticismo e suas dimensões geralmente estarem associadas à ansiedade e reatividade emocional, esses traços tem como função adaptativa o aumento da vigilância e a prevenção de riscos (Hampson, 2012).

Desta forma, passividade pode estar relacionada à menor rigidez comportamental e maior vigilância nas ações do oponente. Esse traço apresenta função similar a da flexibilidade física que, por sua vez, é crucial na prevenção de lesões, na melhoria da amplitude articular e na execução dos movimentos (Ingraham, 2003).

De forma semelhante, as correlações negativas entre preensão esquerda e confiança nas pessoas podem ser interpretadas. Atletas de judô necessitam combinar resistência e força manual para controlar a distância do oponente e executar técnicas ofensivas e defensivas (Arazi, Noori, & Izadi, 2017; Calmet et al., 2010). Em contraste, baixos níveis de confiança, ajudam o atleta a desconfiar das ações do oponente e percebê-lo como perigoso.

Diferenças entre vencedores e perdedores

Fatores físicos.

Em relação aos fatores morfofuncionais, os vencedores apresentaram maior massa corporal e estatura, comparados aos perdedores. Esse dado corrobora com achados em outras espécies (Huber & Brennan, 2011) e outras pesquisas com judocas (Campos, Campos, Páez, Saraiva, & Gouveia Jr., 2017; Franchini, Takito, & Kiss, 2000). Contudo, não foram encontradas diferenças significativas entre os diferentes status.

Achados sugerem que agressão está relacionada a tamanho corporal, principalmente estatura. Atletas de esporte de contato apresentaram maior massa corporal e estatura comparado aos de sem contato e não atletas (Lemieux et al., 2002). A hipótese de seleção foi utilizada para discutir esses resultados, ou seja, indivíduos maiores seriam mais propensos a serem atraídos e escolhidos para esportes de alto contato do que sem contato.

Do mesmo modo, os vencedores apresentaram maiores níveis de força manual e flexibilidade. Estudos apontam que força manual está associada com longos períodos de treinamento, maior experiência competitiva e estatura (Campos et al., 2017; Franchini et al., 2000; Uzun, Özlü, Dalbudak, Köse, & Gürkan, 2017). Em relação à flexibilidade, outros achados

apontaram forte relação entre tempo de prática em atletas de *jiu jitsu* e flexibilidade de quadril (Silva e Camões, 2014).

A flexibilidade de tronco e de quadril, no *jiu-jitsu*, é necessária principalmente nos trabalhos de solo (Silva e Camões, 2014), e também é exigida no judô para a execução de alguns golpes (Franchini, 2001). Além disso, ela tem papel fundamental na melhoria da qualidade e na execução de movimentos de grande amplitude, junto com a redução do risco de lesões (Amorim et al., 2015; Ingraham, 2003).

Fatores comportamentais e hormonais.

Em relação aos traços de personalidade, os vencedores apresentaram maiores médias em ativez e dinamismo quando comparados aos perdedores. Altos níveis de ativez descrevem uma percepção grandiosa das capacidades, e dinamismo aponta propensão a colocar ideias em prática. Dados apontam que esses traços, relacionados à extroversão, são importantes para lidar melhor com a ansiedade (Cerin, 2004) e na expressão assertiva da raiva (Woodman et al., 2009).

Essas diferenças podem justificar o resultado encontrado na frequência semanal. Observou-se que perdedores ($\bar{x}$: 4,92) treinam significativamente mais vezes por semana que vencedores ($\bar{x}$: 3,15). Isso pode apontar que os perdedores, devido sua dificuldade de reconhecer suas capacidades, tendem a se engajar em mais horas de treinamento de forma a obter melhor preparo. Enquanto, os vencedores tendem a treinar menos vezes devido a maior percepção de suas capacidades, facilidade de iniciativa e praticidade.

Achados apontam que durante as lutas, os vencedores atacam efetivamente cinco vezes mais após receber uma penalidade (*shido*) (Escobar-Molina et al., 2014). Esse dado pode estar

relacionado à capacidade de assumir riscos, ou seja, judocas vitoriosos tendem a ser ousados e assertivos (traços de dinamismo e altivez) que perdedores.

Os vencedores possuem características conservadoras e voltadas para o seguimento de valores e regras (baixos níveis de abertura), mas também apresentam altos níveis de dinamismo e altivez. Isso descreve, dentro do contexto competitivo, a relação entre o emprego de uma força legítima dentro das regras do jogo (Mckelvie et al., 2003). Por outro lado, os perdedores possuem menores níveis de altivez e dinamismo. Dado que pode estar relacionado à maior aversão a riscos (timidez).

A competição é uma situação de estresse que produz aumento geral da ativação do organismo, a fim de que o indivíduo possa reagir (Margis et al., 2003). Considerando a correlação positiva entre cortisol e estresse, níveis elevados desse hormônio foram identificados em judocas momentos antes da luta (Salvador, Suay, Gonzáles-Bono, & Serrano, 2003). Essa condição facilitaria um apropriado estado para a briga e aumentaria a disponibilidade de energia para máxima competitividade e esforço.

A testosterona é geralmente relacionada a situações agressivas em seres vivos (Salvador, 2012). Judocas, por sua vez, possuem maiores níveis de agressividade em relação a outros esportes (Mastram & Jaswant, 2016). Achados apontam que altos níveis desse hormônio foram correlacionados positivamente a traços de extroversão, habilidades viso motoras; e negativamente com ansiedade, neuroticismo e reatividade emocional (Obmiński et al., 2016).

As modalidades de luta, como o judô, são contextos que envolvem comportamentos defensivos e ofensivos paralela às agressões competitivas que ocorrem em contextos naturais (Casto & Edwards, 2016). Ressalta-se que o status (vencedor e perdedor) também influencia nos níveis hormonais dos oponentes. Achados apontam que níveis de testosterona tendem a diminuir

em judocas perdedores pós-competição (Watson & Ziolli, 2012) e a aumentar nos indivíduos que ganham (Casto & Edwards, 2016).

Na psicologia esportiva, traços como realização e neuroticismo geralmente estão ligados a alto e baixo desempenho. Correlações positivas foram encontradas entre realização e performance (Mirzaei, Nikbakhsh, & Sharififar, 2013; Teshome, Mengistu, & Beker, 2015) e altos escores em tarefas exigentes (Malinauskas et al., 2014). Nesse mesmo estudo, neuroticismo foi associado negativamente a habilidades de coordenação e positivamente a destreza manual.

Apesar de não significativos, os vencedores desta pesquisa apresentaram maiores níveis ($\bar{x}$:3,37) de neuroticismo que perdedores ($\bar{x}$:3,18). Achados anteriores explicam que tarefas de judô requerem força explosiva, portanto, seria melhor desempenhada com altos níveis de ansiedade do que outros esportes (Filaire et al., 2001).

Além disso, os achados deste estudo são consistentes com a possibilidade de que traços de extroversão em humanos podem estar relacionados a características de assertividade e ousadia em animais (principalmente primatas). Dados apontam que extroversão em humanos pode estar relacionada à confiança em *hanuman langurs* e dominância em gorilas (Vonk et al., 2017). Estudos sustentam que essas características de personalidade são filogeneticamente antigas entre primatas (Morton et al., 2013).

O ranking possui função importante na obtenção e gerenciamento de recursos. Por exemplo, macacos tipicamente exibem uma hierarquia, na qual indivíduos dominantes que ganham a maioria dos conflitos tem acesso preferencial a recursos socioecológicos (comida, abrigo e parceiros) e geralmente são “figuras de atração” para outros membros do grupo (Freeman & Gosling, 2010). Similarmente, nas lutas, atletas no topo do ranking apresentam

maiores vantagens de investimentos, locais de treinamento, atratividade social e qualidade de preparação (Casto & Mehta, 2009).

De modo geral, dados em humanos e animais sugerem que os mais dominantes e vitoriosos são aqueles que apresentam maior ousadia, ou seja, maior coragem, assunção de riscos e exploração de novos ambientes (Chase & Seitz, 2011; Denissen, Geenen, van Aken, Gosling, & Potter, 2008; Gosling & John, 1999; Morton et al., 2013; Weiss et al., 2015). Por outro lado, assertividade é necessária para que o indivíduo assuma riscos de forma adaptativa, ou seja, para que o atleta vença utilizando a força necessária, mas dentro das regras do jogo (Lemieux et al., 2002). Deste modo, sugere-se que ousadia e assertividade são características importantes e complementares para vitória no contexto esportivo.

Conclusões

De modo geral, os achados desta pesquisa atenderam aos objetivos deste estudo. Observou-se que existem diferenças de personalidade entre os judocas melhores e piores classificados no ranking. Além disso, correlações foram encontradas entre traços de personalidade e características morfofuncionais desses atletas. Esses achados apontam que os fatores físicos e comportamentais, investigados nesta pesquisa, estão inter-relacionados no fenômeno de ganhar e perder.

Geralmente características de neuroticismo e realização estão relacionadas à vitória ou derrota no esporte. Contudo, os dados dessa pesquisa apontam que o fenômeno de ganhar e perder está significativamente relacionada a traços de extroversão (dinamismo e altivez) na qual vencedores apresentam elevados escores em comparação aos perdedores.

Ressalta-se que os achados deste estudo apontam estabilidade do fenômeno de vencer e perder em diferentes contextos (natural e esportivo). Todos os determinantes investigados (físicos, hormonais e psicológicos) guardam similaridades evolutivas em diferentes espécies utilizadas em estudos anteriores. Portanto, o contexto esportivo e principalmente as lutas se configuram como um vantajoso modelo para investigar fenômenos como agressividade, hierarquia e competição em humanos.

A diferença entre nossos achados e os estudos já existentes pode estar relacionada a metodologia utilizada. Poucos estudos relacionados a ganhar e perder utilizaram o ranking como critério para definir vencedores e perdedores, as formas mais comuns de dividir essas categorias são o desempenho num contexto específico (jogo ou luta) ou temporada.

Por exemplo, no estudo de Piedmont, Hill, & Blanco (1999) o critério utilizado para classificar o desempenho do jogador foi o índice de habilidade atlética, que considerava o número de assistências, chutes e jogos de cada indivíduo. Similarmente, Mirzaei et al. (2013) utilizaram a avaliação dos técnicos e assistentes para avaliar os atletas considerando a capacidade atlética, desempenho do jogo, espírito de equipe e ética de trabalho. Em um estudo longitudinal, Aidman (2007) verificou após sete anos se atletas juniores ascenderam à categoria sênior.

Apesar dessas pesquisas investigarem a influência dos traços no desempenho ou no sucesso esportivo, Filho e Ribeiro (2005); García-Naveira e Ruiz Barquín (2013) criticam que elas, em sua maioria, não definem claramente qual critério utilizado para ser considerado atleta e nem o nível competitivo dos mesmos (local, regional, nacional ou internacional). Essas questões também podem influenciar nas divergências dos resultados encontrados entre esta pesquisa e estudos anteriores.

Neste estudo, os judocas comparados à amostra do sexo masculino do BFP apresentaram: maiores níveis de interações sociais e amabilidade, junto com baixos níveis do fator abertura e dos traços abertura á ideias e liberalismo. Em relação à rotina esportiva, vencedores apresentaram menor frequência de semanal de treino que perdedores. Os faixa-pretas possuem maior idade, anos de experiência e elevados níveis de socialização, mas apresentaram menores escores em neuroticismo. Correlações positivas e negativas foram encontradas entre características morfofuncionais e personalidade. E no ganhar e perder, os judocas no topo do *ranking* (vencedores) apresentaram maiores níveis de ativez e dinamismo que os do fim do *ranking* (perdedores).

Os achados deste estudo podem ser utilizados para o treinamento de competências psicológicas em atletas focando no desenvolvimento em habilidades que fortaleçam a relação grupal e de socialização do atleta. Além disso, esse estudo aponta que alta frequência de treinamento não é eficiente sem preparo psicológico. Desta forma, o treinamento esportivo deve contemplar os aspectos físicos, táticos, técnicos e psicológicos.

Sugere-se estudos futuros com diferentes amostras, como atletas de karatê, *Muay thai*, *jiujitsu*, *Mixed Martial Arts* (MMA). E também verificar se existem os efeitos de vencer e perder em modalidades coletivas, como vôlei, basquete e futebol. Por fim, observa-se como limitações desse estudo as características de sexo (apenas masculino) e idade (adultos) da amostra.

Anexos

Tabela 3
Comparação dos judocas com a amostra do BFP

Sigla	Dimensões/Subfatores	Manual			Judô		t	p
		Média	SD	N	Média	SD		
N	Neuroticismo	3,06	1,00	1059	3,22	0,75	1,196	0,241
N1	Vulnerabilidade	3,25	1,18	1148	3,12	1,09	-0,691	0,494
N2	Instabilidade emocional	3,43	1,37	1155	3,52	1,00	0,472	0,640
N3	Passividade	3,47	1,22	754	3,78	0,97	1,819	0,079
N4	Depressão	2,36	1,14	1063	2,45	0,75	0,749	0,459
E	Extroversão	4,28	0,83	987	4,46	0,71	1,444	0,159
E1	Nível de comunicação	4,24	1,22	1076	4,31	1,13	0,335	0,740
E2	Ativez	3,67	1,04	988	3,54	0,94	-0,810	0,424
E3	Dinamismo	4,78	0,99	591	4,89	1,03	0,623	0,538
E4	Interações sociais	4,74	1,08	1076	5,10	1,01	2,035	0,050
S	Socialização	5,04	0,80	1076	5,02	0,68	-0,167	0,869
S1	Amabilidade	5,32	0,99	1076	5,66	0,77	2,502	0,018
S2	Pró-Sociabilidade	5,23	1,10	1078	5,16	1,13	-0,332	0,742
S3	Confiança nas pessoas	4,57	1,01	1076	4,23	0,97	-1,954	0,060
R	Realização	4,94	0,84	754	5,02	0,79	0,558	0,581
R1	Competência	5,19	0,93	756	5,38	0,85	1,271	0,213
R2	Ponderação	4,99	1,17	743	4,98	1,07	-0,030	0,977
R3	Empenho	4,65	1,06	755	4,69	1,04	0,204	0,840
A	Abertura	4,65	0,75	618	4,26	0,63	-3,551	0,001
A1	Abertura à ideias	4,59	1,04	618	4,08	1,01	-2,844	0,008
A2	Liberalismo	4,74	1,05	617	4,26	1,00	-2,682	0,012
A3	Busca por Novidades	4,61	1,02	621	4,42	0,65	-1,628	0,114

Tabela 4

Comparação dos traços de personalidade judocas dos vencedores e perdedores

	Fatores/Facetas	Status	Média	Erro padrão da média	t	P
N	Neuroticismo	V	3,37	0,22	0,626	0,537
		P	3,18	0,20		
N1	Vulnerabilidade	V	3,18	0,28	-0,307	0,761
		P	3,31	0,31		
N2	Inst.emocional	V	3,76	0,31	1,134	0,268
		P	3,28	0,28		
N3	Passividade	V	4,06	0,31	0,897	0,379
		P	3,72	0,23		
N4	Depressão	V	2,46	0,22	0,169	0,868
		P	2,42	0,17		
E	Extroversão	V	4,65	0,20	0,925	0,364
		P	4,39	0,20		
E1	Comunicação	V	3,88	0,29	-1,738	0,095
		P	4,64	0,32		
E2	Ativez	V	3,90	0,22	2,299	0,030
		P	3,15	0,24		
E3	Dinamismo	V	5,55	0,21	3,241	0,003
		P	4,57	0,22		
E4	Interações	V	5,25	0,25	0,172	0,865
		P	5,19	0,29		
S	Socialização	V	4,97	0,16	-1,244	0,226
		P	5,28	0,19		
S1	Amabilidade	V	5,89	0,16	0,931	0,361
		P	5,63	0,23		
S2	Pró-sociabilidade	V	4,86	0,33	-1,857	0,076
		P	5,60	0,22		
S3	Confiança	V	4,18	0,29	-1,117	0,275
		P	4,60	0,25		
R	Realização	V	5,07	0,15	-0,211	0,835
		P	5,13	0,21		
R1	Competência	V	5,60	0,16	1,134	0,268
		P	5,25	0,26		
R2	Ponderação	V	5,04	0,33	-0,421	0,677
		P	5,21	0,25		
R3	Empenho	V	4,58	0,22	-1,006	0,324
		P	4,92	0,26		

A	Abertura	V	4,22	0,17	-0,088	0,931
		P	4,24	0,20		
A1	Abertura à ideias	V	3,97	0,27	-0,386	0,703
		P	4,13	0,32		
A2	Liberalismo	V	4,32	0,30	0,138	0,891
		P	4,26	0,27		
A3	Busca por novidades	V	4,36	0,23	0,141	0,889
		P	4,32	0,15		

Referências

- Aidman, E. V. (2007). Attribute-based selection for success: The role of personality attributes in long-term predictions of achievement in sport. *The Journal of the American Board of Sport Psychology*, 1(November), 1–18. https://doi.org/https://doi.org/10.1007/978-3-319-67588-6_2
- Allen, M., Greenlees, I., & Jones, M. (2013). Personality in sport: a comprehensive review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 6(1), 184–208. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2013.769614>
- Allen, M., & Laborde, S. (2014). The Role of Personality in Sport and Physical Activity. *Current Directions in Psychological Science*, 23(6), 460–465. <https://doi.org/10.1177/0963721414550705>
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. (2011). An investigation of the five-factor model of personality and coping behaviour in sport. *Journal of Sports Sciences*, 29(8), 841–850. <https://doi.org/10.1080/02640414.2011.565064>
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. (2013). Personality in sport: A comprehensive review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*. Routledge. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2013.769614>
- Allen, M. S., Greenlees, I., & Jones, M. V. (2014). Personality, counterfactual thinking, and negative emotional reactivity. *Psychology of Sport and Exercise*, 15(2), 147–154. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.10.011>
- Allik, J., Church, A. T., Ortiz, F. A., Rossier, J., Hřebíčková, M., de Fruyt, F., ... McCrae, R. R. (2017). Mean profiles of the NEO personality inventory. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 48(3), 402–420. <https://doi.org/10.1177/0022022117692100>

- Amorim, D. A. S., Albertini, L. C. B., Félix, S. H., Magalhães, T. T., & Soares, W. D. (2015). Flexibilidade de praticantes e não praticantes de judô. *Ensino & Pesquisa*, 13(1), 136–147. Retrieved from <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/551>
- Arazi, H., Noori, M., & Izadi, M. (2017). Correlation of anthropometric and bio-motor attributes with Special Judo Fitness Test in senior male judokas. *Ido Movement for Culture. Journal of Martial Arts Anthropology*, 17(4), 19–24. <https://doi.org/10.14589/IDO.17.4.4>
- Balyan, K. Y., Tok, S., Tatar, A., Binboga, E., & Balyan, M. (2016). The Relationship among Personality, Cognitive Anxiety, Somatic Anxiety, Physiological Arousal, and Performance in Male Athletes. *Journal of Clinical Sport Psychology*, 10(1), 48–58. <https://doi.org/10.1123/jcsp.2015-0013>
- Barros, T., Angeli, G., & Barros, L. (2005). Preparação do atleta de esportes competitivos. *Revista Da Sociedade de Cardiologia Do Estado de São Paulo*, 15(2), 114–117. Retrieved from <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/10/coracao-esporte-e-exercicio-fisico.pdf#page=20>
- Bartholomeu, D., Nunes, C. H. S. da S., & Machado, A. A. (2017). Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. *Psico-USF*. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712008000100006>
- Bernacka, R. E., Sawicki, B., Mazurek-Kusiak, A., & Hawlena, J. (2016). Conforming and nonconforming personality and stress coping styles in combat athletes. *Journal of Human Kinetics*, 50(2), 225–233. <https://doi.org/10.1515/hukin-2015-0186>
- Binboga, E., Guven, S., Çatıkkaş, F., Bayazıt, O., & Tok, S. (2012). Psychophysiological Responses to Competition and the Big Five Personality Traits. *Journal of Human Kinetics*, 33, 187–194. <https://doi.org/10.2478/v10078-012-0057-x>

- Calmet, M., Miarka, B., & Franchini, E. (2010). Modeling of grasps in judo contests. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 10(3), 229–240. <https://doi.org/10.1080/24748668.2010.11868518>
- Campos, Í., Campos, Y., Páez, H., Saraiva, A., & Gouveia Jr., A. (2017). Morfofunctional parameters in judo's fight. *Motricidade*, 13(3), 59–68. <https://doi.org/10.6063/motricidade.10817>
- Campos, Í. S. L., Campos, Y. S., Campos, Y. S., Pinho Jr., L. E., Jesus, F., & Gouveia Jr., A. (2017). Ganhar ou perder e resultados subsequentes: uma análise a partir do histórico competitivo de atletas de Judô. / Win or lose and subsequent results: an analysis based on the competitive history of judo athletes. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 17(1), 29–36.
- Campos, Í. S. L., Saraiva, A. dos R., Campos, Y. S., Campos, Y. S., & Gouveia Jr, A. (2016). Ganhar e perder em esportes de combate : descrição de elementos determinantes. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 24(4), 156–167.
- Caporrino, F. A., Faloppa, F., Santos, J. B. G., Réssio, C., Soares, F. H. do C., Nakachima, L. R., & Segre, N. G. (1998). Estudo populacional da força de preensão palmar com dinamômetro Jamar ® *. *Revista Brasileira de Ortopedia*, 33(2), 150–154.
- Caprara, G. V., Barbaranelli, C., Borcogni, L., & Perucini, M. (1993). The “Big Five Questionnaire”: a new Questionnaire to assess the five factor model, pp. 2–3.
- Carducci, B. (2009). *The psychology of personality: Viewpoints, research, and applications* (2nd ed.). Chichester: Wiley-Blackwell.
- Casto, K. V., & Mehta, P. H. (2009). Competition, Dominance, and Social Hierarchy. In L. L. Welling & T. K. Shackelford (Eds.), *The Oxford Handbook of Evolutionary Psychology and*

Behavioral Endocrinology (p. 455). New York: Oxford University Press.

- Cattell, R. B. (1956). Validation and intensification of the sixteen personality factor questionnaire. *Journal of Clinical Psychology*. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(195607\)12:3<205::AID-JCLP2270120302>3.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/1097-4679(195607)12:3<205::AID-JCLP2270120302>3.0.CO;2-0)
- Cerin, E. (2004). Predictors of competitive anxiety direction in male Tae Kwon Do practitioners: a multilevel mixed idiographic/nomothetic interactional approach. *Psychology of Sport and Exercise*, 5(4), 497–516. [https://doi.org/10.1016/S1469-0292\(03\)00041-4](https://doi.org/10.1016/S1469-0292(03)00041-4)
- Chamorro-Premuzic, T., Furnham, A., & Moutafi, J. (2004). The relationship between estimated and psychometric personality and intelligence scores. *Journal of Research in Personality*, 38, 505–513. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2003.10.002>
- Chase, I., & Seitz, K. (2011). Self-Structuring Properties of Dominance Hierarchies: A New Perspective. In R. Huber, D. Bannasch, & P. Brennan (Eds.), *Aggression*. Elsevier.
- Confederação Brasileira de Judô. Regulamento para exame e outorga de faixas e graus, Conselho Nacional de Graus (2018).
- Connor-Smith, J. K., & Flachsbart, C. (2007). Relations Between Personality and Coping: A Meta-Analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(6), 1080–1107. Retrieved from https://digitalcommons.georgefox.edu/gscp_fac/103
- Costa, P., & McCrae, R. (1992). Normal Personality Assessment in Clinical Practice: The NEO Personality Inventory. *Psychological Assessment*, 4(1), 5–13. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.4.1.5>
- Cowden, R. G., Crust, L., Jackman, P. C., & Duckett, T. R. (2019). Perfectionism and motivation in sport: The mediating role of mental toughness. *South African Journal of Science*, 115(1/2), 1–7. <https://doi.org/10.17159/sajs.2019/5271>

- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de habilidades sociais: manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Denissen, J. J. A., Geenen, R., van Aken, M. A. G., Gosling, S. D., & Potter, J. (2008). Development and Validation of a Dutch Translation of the Big Five Inventory (BFI). *Journal of Personality Assessment*, 90(2), 152–157. <https://doi.org/10.1080/00223890701845229>
- Douda, H. T., Toubekis, A. G., Avloniti, A. A., & Tokmakidis, S. P. (2008). Physiological and anthropometric determinants of rhythmic gymnastics performance. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 3(1), 41–54. <https://doi.org/10.1123/ijsp.3.1.41>
- Ebell, S. B. (2008). Competición versus tradición en el Judo Kodocan. *Revista de Artes Marciales Asiáticas*, 3(2), 28–37.
- Escobar-Molina, R., Courel, J., Franchini, E., Femia, P., & Stankovic, N. (2014). The impact of penalties on subsequent attack effectiveness and combat outcome among high elite judo competitors. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 14(3), 946–954. <https://doi.org/10.1080/24748668.2014.11868770>
- Eysenck, H. ., Nias, D. K. ., & Cox, D. . (1982). Sport and personality. *Advances in Behaviour Research and Therapy*, 4(1), 1–56. [https://doi.org/10.1016/0146-6402\(82\)90004-2](https://doi.org/10.1016/0146-6402(82)90004-2)
- Fadda, D., & Scalas, L. F. (2016). Neuroticism as a Moderator of Direct and Mediated Relationships Between Introversion-Extraversion and Well-Being. *Europe's Journal of Psychology*, 12(1), 49. <https://doi.org/10.5964/EJOP.V12I1.985>
- Ferreira, J. D. S., Rodrigues Leite, L. P., & Nascimento, C. M. C. (2010). Relação entre níveis de

- ansiedade-traço competitiva e idade de atletas de voleibol e análise destes níveis pré e pós-competição. *Motriz. Revista de Educação Física. UNESP*, 853–857. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p853>
- Filaire, F., Maso, F., Sagnol, M., Ferrand, C., & Lac, G. (2001). Anxiety, Hormonal Responses, and Coping During a Judo Competition. *Agressive Behavior*, 27, 55–63.
- Filho, M. G. B., & Ribeiro, L. C. S. (2005). Personalidade e esporte: uma revisão. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 13(2), 101–110. Retrieved from <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/631/642>
- Filho, M. G. B., Ribeiro, L. C. S., & García, F. G. (2005). Comparação de características da personalidade entre atletas brasileiros de alto rendimento e indivíduos não-atletas. *Revista Brasileira de Medicina Do Esporte*, 11(2), 115–120. <https://doi.org/10.1590/S1517-86922005000200004>
- Flores-Mendoza, C. (2008). *Inventário de personalidade NEO Revisado NEO PI-R-Manual*. São Paulo: Vetor.
- Flores-Mendoza, C., & Colom, R. (2009). *Introdução à psicologia das diferenças individuais*. Porto Alegre.
- Fox, R. A., Ladage, L. D., Ii, T. C. R., & Pravosudov, V. V. (2009). Behavioral Profile Predicts Dominance Status in Mountain Chickadees. *Animal Behavior*, 77(6), 1441–1448. <https://doi.org/10.1016/j.anbehav.2009.02.022>
- Franchini, E. (1999). Bases para detecção e promoção de talentos na modalidade judô. *I Prêmio INDESP de Literatura Esportiva*, 1, 15–104.
- Franchini, E., Del Vecchio, F. B., Matsushigue, K. A., & Artioli, G. G. (2011). Physiological Profiles of Elite Judo Athletes. *Sports Medicine*, 41(2), 147–166. Retrieved from

<http://umh1617.edu.umh.es/wp-content/uploads/sites/546/2017/02/franchini2011.pdf>

- Franchini, E., Sterkowicz, S., Meira, C. M., Gomes, F. R. F., & Tani, G. (2008). Technical Variation in a Sample of High Level Judo Players. *Perceptual and Motor Skills*, 106(3), 859–869. <https://doi.org/10.2466/pms.106.3.859-869>
- Franchini, E., Takito, M., & Kiss, M. (2000). Somatotipo, Composição corporal e força isométrica em diferentes períodos do treinamento em atletas de judô juvenis. *Revista Treinamento Desportivo*, 5(2), 4–10. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/267969597>
- Franchini, E., Takito, M. Y., Matheus, L., Brito-Vieira, D. E., & Kiss, M. A. (1997). Composição corporal, somatotipo e força isométrica em atletas da seleção brasileira universitária de judô. *Âmbito Medicina Esportiva*, 3(3), 21–29.
- Freeman, H. D., & Gosling, S. C. (2010). Personality in nonhuman primates: A review and evaluation of past research. *American Journal of Primatology*, 72, 653–671. <https://doi.org/10.1002/ajp.20833>
- García-Naveira, A., & Ruiz Barquín, R. (2013). La personalidad del deportista: una revisión teórica desde la perspectiva de rasgos / The personality of the athlete: a theoretical review from the perspective of traits. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de La Actividad Física y El Deporte*, 13(51), 627–645. Retrieved from <http://cdeporte.rediris.es/revista/revista51/artpersonalidad337.htm>
- García, R., Zafra, A., & Toro, E. (2008). Ansiedad y autoconfianza de jóvenes judokas en situaciones competitivas de alta presión. *Análise Psicológica*, 26(4), 689–696.
- Gelman, J., Yoffie, D. B., & Kwak, M. (2002). *Business Strategy Review Judo Strategy: 10 Techniques for Beating a Stronger Opponent*. *Business Strategy Review* (Vol. 13).

Retrieved from <http://www.getrun.info/pdf/Judo/0.pdf>

- Goldberg, L. R. (1990). An alternative “description of personality”: The Big-Five factor structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 1216–1229.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.59.6.1216>
- Gonçalves, G. C., Rabelo, I. S., & Rubio, K. (2014). Assessment of Personality in Brazilian Athletes. *International Journal of Applied*, 4(3), 86–91.
<https://doi.org/10.5923/j.ijap.20140403.02>
- Gosling, S. D. (1998). Personality Dimensions in Spotted Hyenas (*Crocuta crocuta*). *Journal of Comparative Psychology*, 112(2), 107–118.
- Gosling, S. D., & John, O. P. (1999). Personality Dimensions in Nonhuman Animals: A Cross-Species Review. *Current Directions in Psychological Science*, 8(3), 69–75.
- Guedes, D. P., & Guedes, J. E. R. P. (2006). *Manual prático para avaliação em educação física*. Barueri: Manole.
- Guidetti, L., Musulin, A., & Baldari, C. (2002). Physiological factors in middleweight boxing performance. *Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 42(3), 309–314.
<https://doi.org/10.1038/sj.emboj.7600072>
- Hampson, R., & Jowett, S. (2014). Effects of coach leadership and coach-athlete relationship on collective efficacy. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 24(2).
<https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2012.01527.x>
- Hampson, S. E. (2012). Personality processes: mechanisms by which personality traits “get outside the skin”. *Annual Review of Psychology*, 63, 315–339.
<https://doi.org/10.1146/annurev-psych-120710-100419>
- Hanson, S. J., McCullagh, P., & Tonymon, P. (1992). The Relationship of Personality

- Characteristics, Life Stress, and Coping Resources to Athletic Injury. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14(3), 262–272. <https://doi.org/10.1123/jsep.14.3.262>
- Hendriks, A., Hofstee, W., & de Raad, B. (2002). The Five-Factor Personality Inventory: Assessing the Big Five by means of brief and concrete statements. Retrieved from <http://researchonline.lshtm.ac.uk/2115640/>
- Hsu, Y., Lee, I.-H., & Lu, C.-K. (2009). Prior contest information: mechanisms underlying winner and loser effects. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, 63, 1247–1257. <https://doi.org/10.1007/s00265-009-0791-9>
- Hsu, Y., & Wolf, L. L. (1999). The winner and loser effect: integrating multiple experiences. *Animal Behaviour*, 57, 903–910. Retrieved from <http://www.idealibrary.comon>
- Hsu, Y., & Wolf, L. L. (2001). The winner and loser effect: what fighting behaviours are influenced? *Animal Behaviour*, 61, 777–786. <https://doi.org/10.1006/anbe.2000.1650>
- Hughes, S., Case, H. S., Stuempfle, K., & Evans, D. (2003). Personality Profiles of Idditasport Ultra-Marathon Participants. *Journal of Applied Sport Psychology*, 15(3), 256–261. <https://doi.org/10.1080/10413200305385>
- Hutz, C. S., & Nunes, C. H. S. S. (2001). *Escala fatorial de ajustamento emocional/neuroticismo (EFN)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Antón, M., & Wieczonek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 395–410.
- Ingraham, S. (2003). The role of flexibility in injury prevention and athletic performance. *Minnesota Medicine*, 86(5), 58–61.
- Ingraham, S. J. (2003). The role of flexibility in injury prevention and athletic performance: have

- we stretched the truth? *Minnesota Medicine*, 86(5), 58–61. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15495679>
- Jackson, B., Dimmock, J. A., Gucciardi, D. F., & Grove, J. R. (2010). Relationship commitment in athletic dyads: Actor and partner effects for Big Five self- and other-ratings. *Journal of Research in Personality*, 44(5), 641–648. <https://doi.org/10.1016/J.JRP.2010.08.004>
- Jackson, B., Dimmock, J. A., Gucciardi, D. F., & Grove, J. R. (2011). Personality traits and relationship perceptions in coach–athlete dyads: Do opposites really attract? *Psychology of Sport and Exercise*, 12(3), 222–230. <https://doi.org/10.1016/J.PSYCHSPORT.2010.11.005>
- Jarvis, M. (2006). *Sport psychology: a student's handbook*. New York: Routledge. Retrieved from <https://memberfiles.freewebs.com/37/84/82578437/documents/1841695815.pdf>
- Judge, T. A., Bono, J. E., Ilies, R., & Gerhardt, M. W. (2002). Personality and Leadership: A Qualitative and Quantitative Review. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.87.4.765>
- Kajtna, T., Tušak, M., Barić, R., & Burnik, S. (2004). Personality in high-risk sports athletes. *Kinesiology*, 36(1), 24–34.
- Kang, K. D., Han, D. H., Hannon, J. C., Hall, M. S., & Choi, J. W. (2015). Temperamental predictive factors for success in Korean professional baseball players. *Psychiatry Investigation*, 12(4), 459–465. <https://doi.org/10.4306/pi.2015.12.4.459>
- Laher, S. (2012). Structural equivalence and the Neo-Pi-R: Implications for the applicability of the five-factor model of personality in an African context. *SA Journal of Industrial Psychology*. <https://doi.org/10.4102/sajip.v34i1.429>
- Lazarus, R. S. (2000). How Emotions Influence Performance in Competitive Sports. *The Sport Psychologist*, 14(3), 229–252. <https://doi.org/10.1123/tsp.14.3.229>
- Lemieux, P., Mckelvie, S. J., & Stout, D. (2002). Self-reported Hostile Aggression in Contact

- Athletes, No Contact Athletes and Non-athletes. *Athletic Insight*, 4(3), 42–56. Retrieved from <https://www.athleticinsight.com/Vol4Iss3/HostilePDF.pdf>
- Lundqvist, C., & Raglin, J. S. (2015). The relationship of basic need satisfaction, motivational climate and personality to well-being and stress patterns among elite athletes: An explorative study. *Motivation and Emotion*, 39(2), 237–246. <https://doi.org/10.1007/s11031-014-9444-z>
- Madžar, T., Milošević, M., Hrabač, P., & Heningsberg, N. (2017). Psychological aspects of sports injuries among male professional soccer players in Croatia. *Kinesiology*, 49(1), 84–91. <https://doi.org/10.26582/k.49.1.5>
- Malinauskas, R., Dumciene, A., Mamkus, G., & Venckunas, T. (2014). Personality Traits and Exercise Capacity in Male Athletes and Non-Athletes. *Perceptual and Motor Skills*, 118(1), 145–161. <https://doi.org/10.2466/29.25.PMS.118k13w1>
- Margis, R., Picon, P., Cosner, A. F., & Silveira, R. de O. (2003). Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Psiquiatria Do Rio Grande Do Sul*, 25(1), 65–74. Retrieved from <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a08v25s1>
- Mastram, & Jaswant. (2016). Aggression , emotional intelligence and well-being among judo players : A comparative study. *International Journal of Physical Education*, 3(4), 190–193.
- Matsumoto, D. (1996). *An Introduction to Kodokan-Judo History and Philosophie*. Tokyo. Retrieved from https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=MATSUMOTO%2C+1996+judo&btnG=
- Mazur, A. (1985). A biosocial model of status in face-to-face primate groups. *Social Forces*, 64(2), 377–402. Retrieved from <https://academic.oup.com/sf/article-abstract/64/2/377/2231621>

- Mazur, A., & Booth, A. (1997). Testosterone and dominance in men. *Behavioural and Brain Sciences*. Retrieved from http://cogprints.org/663/1/bbs_mazur.html
- McCrae, R. R. (2006). O que é personalidade. In C. Flores-Mendoza & R. Colom (Eds.), *Introdução à psicologia das diferenças individuais* (p. 460). Porto Alegre: Artmed.
- McKelvie, S., Lemieux, P., & Stout, D. (2003). Extraversion and Neuroticism in Contact Athletes, No Contact Athletes and Non-athletes: A Research Note. *Athletic Insight*, 5(3), 19–27. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/241678919>
- Meggs, J., Chen, M. A., & Koehn, S. (2019). The relationship between flow, mental toughness and subjective performance in triathletes. *Relationships Between Flow, Mental Toughness, and Subjective Performance Perception in Various Triathletes. Perceptual and Motor Skills*, 126(2), 241–252. <https://doi.org/10.1177/0031512518803203>
- Mellalieu, S. D., Neil, R., Hanton, S., & Fletcher, D. (2009). Competition stress in sport performers: Stressors experienced in the competition environment. *Journal of Sports Sciences*, 27(7), 729–744. <https://doi.org/10.1080/02640410902889834>
- Mendonça-Furtado, O., Edaes, M., Palme, R., Rodrigues, A., Siqueira, J., & Izar, P. (2014). Does hierarchy stability influence testosterone and cortisol levels of bearded capuchin monkeys (*Sapajus libidinosus*) adult males? A comparison between two wild groups. *Behavioural Processes*.
- Mikheev, M., Mohr, C., Afanasiev, S., Landis, T., & Thut, G. (2002). *Motor control and cerebral hemispheric specialization in highly qualified judo wrestlers. Neuropsychologia* (Vol. 40). Retrieved from <http://library.allanschore.com/docs/Judo.pdf>
- Mirzaei, A., Nikbakhsh, R., & Sharififar, F. (2013). The relationship between personality traits and sport performance. *European Journal of Experimental Biology*, 3(3), 439–442.

Retrieved from www.pelagiaresearchlibrary.com

Morton, F. B., Lee, P. C., Bernand, T., Buchanan-Smith, H. M., Brosnan, S. F., Paukner, A., ...

Weiss, A. (2013). Personality Structure in Brown Capuchin Monkeys (*Sapajus apella*): Comparisons With Chimpanzees (*Pan troglodytes*), Orangutans (*Pongo spp.*), and Rhesus Macaques (*Macaca Mullata*). *Journal of Comparative Psychology*.
<https://doi.org/10.1037/a0031723>

Nettle, D. (2006). The evolution of personality variation in humans and other animals. *American Psychologist*, 61(6), 622–631. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.61.6.622>

Nia, M., & Besharat, M. (2010). Comparison of athletes' personality characteristics in individual and team sports. *Procedia Social and Behavioral Sciences*, 5, 808–812.

Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2007a). *Escala Fatorial de Extroversão: manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nunes, C. H. S. S., & Hutz, C. S. (2007b). *Escala Fatorial de Socialização: manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nunes, C., Hutz, C., & Nunes, M. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): Manual técnico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Obmiński, Z., Mroczkowska, H., & Tomaszewski, W. (2016). Relationships between personality traits, resting serum hormones and visuomotor ability in male Judokas. *Annals of Agricultural and Environmental Medicine*, 23(1), 79–83.
<https://doi.org/10.5604/12321966.1197305>

Ode, S., & Robinson, M. D. (2007). Agreeableness and the self-regulation of negative affect: Findings involving the neuroticism/somatic distress relationship. *Personality and Individual Differences*, 43(8), 2137–2148. <https://doi.org/10.1016/J.PAID.2007.06.035>

- Oliveira, R. F., Silva, J. F., & Simões, M. (2011). Fighting Zebrafish : Characterization of Aggressive Winner Loser Effects, *8*(2). <https://doi.org/10.1089/zeb.2011.0690>
- Øverli, Ø., Korzan, W. J., Höglund, E., Winberg, S., Bollig, H., Watt, M., ... Summers, C. H. (2004). Stress coping style predicts aggression and social dominance in rainbow trout. *Hormones and Behavior*, *45*, 235–241. <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2003.12.002>
- Paquette, L., Dumais, M., Bergeron, J., & Lacourse, É. (2016). The Effect of Personality Traits and Beliefs on the Relationship between Injury Severity and Subsequent Sport Risk-Taking among Adolescents. *Pediatrics Research International Journal*, *2016*, 1–14. <https://doi.org/10.5171/2016.405500>
- Parma, J. O., Costa, V. T. da, Andrade, A. G. P. de, Cavalcante, G., Hackfort, D., & Noce, F. (2019). Relation of personality traits and decision-making in wheelchair tennis players. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, *17*(1), 52–63. <https://doi.org/10.1080/1612197X.2016.1275742>
- Paunonen, S., & Ashton, M. (2002). The nonverbal assessment of personality; the NPQ and the FF-NPQ. Retrieved from <https://psycnet.apa.org/record/2002-17260-008>
- Petito, A., Altamura, M., Iuso, S., Padalino, F. A., Sessa, F., D'Andrea, G., ... Bellomo, A. (2016). The Relationship between Personality Traits, the 5HTT Polymorphisms, and the Occurrence of Anxiety and Depressive Symptoms in Elite Athletes. *PLoS ONE*, *11*(6), e0156601. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0156601>
- Piedmont, R. L., Hill, D. C., & Blanco, S. (1999). Predicting athletic performance using the five-factor model of personality. *Personality and Individual Differences*, *27*(4), 769–777. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00280-3](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00280-3)
- Raglin, J. S. (2001). Psychological Factors in Sport Performance Psychological Factors in Sport

- Performance The Mental Health Model Revisited. *Sports Medicine*, 31(12), 875–890.
<https://doi.org/10.2165/00007256-200131120-00004>
- Rhodes, R. E., & Smith, N. E. I. (2006a). Personality correlates of physical activity: a review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*, 40(12), 958–965.
<https://doi.org/10.1136/bjsm.2006.028860>
- Rhodes, R. E., & Smith, N. E. I. (2006b). Personality correlates of physical activity: a review and meta-analysis. *British Journal of Sports Medicine*, 40(12), 958–965.
<https://doi.org/10.1136/BJSM.2006.028860>
- Rocha, V. V. S., & Osório, F. de L. (2018). Associations between competitive anxiety, athlete characteristics and sport context: Evidence from a systematic review and meta-analysis. *Revista de Psiquiatria Clinica*, 45(3), 67–74. <https://doi.org/10.1590/0101-60830000000160>
- Rohrer, J. M., Egloff, B., & Schmukle, S. C. (2015). Examining the effects of birth order on personality. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 112(46), 14224–14229. <https://doi.org/10.1073/pnas.1506451112>
- Ruiz Barquín, R. (2007). Predicción del resultado deportivo en judokas cadetes de competición aplicando las dimensiones del cuestionario de personalidad BFQ. *Revista Iberoamericana de Psicología Del Ejercicio y El Deporte*, 1(2), 69–88. Retrieved from https://accedacris.ulpgc.es/bitstream/10553/7767/1/0537108_20062_0005.pdf
- Ruiz, R. (2005). Análisis de las Diferencias de Personalidad en el Deporte del Judo a Nivel Competitivo en Función de la Variable Sexo y Categoría de Edad Deportiva. *Cuadernos de Psicología Del Deporte*, 5(1–2), 29–48. Retrieved from <https://revistas.um.es/cpd/article/view/93381/89961>

- Salvador, A. (2012). Steroid hormones and some evolutionary-relevant social interactions. *Motivation and Emotion*, 36(1), 74–83. <https://doi.org/10.1007/s11031-011-9265-2>
- Salvador, A., Suay, F., Gonzáles-Bono, E., & Serrano, M. . (2003). Anticipatory cortisol, testosterone and psychological responses to judo competition in young men. *Psychoneuroendocrinology*, 28(3), 364–375. [https://doi.org/10.1016/S0306-4530\(02\)00028-8](https://doi.org/10.1016/S0306-4530(02)00028-8)
- Sanches, S. M., & Rubio, K. (2011). A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. *Educação e Pesquisa*, 37(4), 825–842. Retrieved from <https://www.redalyc.org/pdf/298/29821081010.pdf>
- Santos, A. A. A. dos, Sisto, F. F., & Martins, R. M. M. (2003). Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade - Cognitive styles and personality: an exploratory study of validity evidences. *Psico USF*, 8(1), 11–19. Retrieved from http://portal.pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712003000100003&lng=pt&nrm=iso
- Siva, I., & Nakano, T. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores de personalidade: Análises de pesquisas. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 51–62.
- Smith, R., Smoll, F., Sean, C., & Grossbard, J. (2006). Measurement of Multidimensional Sport Performance Anxiety in Children and Adults: The Sport Anxiety Scale-2. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 28, 479–501. <https://doi.org/10.1080/08917779008248733>
- Souza, M. A. P., Teixeira, R. B., & Lobato, P. L. (2012). Manifestação da ansiedade pré-competitiva em nadadores amadores. *Revista Da Educação Física/UEM*, 23(2), 195–203. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i2.14737>
- Srivastava, S., John, O. P., Gosling, S. D., & Potter, J. (2003). Development of Personality in

Early and Middle Adulthood: Set Like Plaster or Persistent Change?

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.5.1041>

Stoeber, J. (2011). The dual nature of perfectionism in sports: relationships with emotion, motivation, and performance. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 4(2), 128–145. <https://doi.org/10.1080/1750984X.2011.604789>

Stoeber, J., & Janssen, D. P. (2011). Perfectionism and coping with daily failures: positive reframing helps achieve satisfaction at the end of the day. *Anxiety, Stress, & Coping*, 24(5), 477–497. <https://doi.org/10.1080/10615806.2011.562977>

Sundström, L. F., Petersson, E., Höjesjö, J., Johnsson, J. I., & Järvi, T. (2015). Hatchery selection promotes boldness in newly hatched brown trout (*Salmo trutta*): implications for dominance. *Behavioral Ecology*, 15(2), 192–198. <https://doi.org/10.1093/beheco/arg089>

Teshome, B., Mengistu, S., & Beker, G. (2015). The Relationship between Personality Trait and Sport Performance: The Case of National League Football Clubs in Jimma Town, Ethiopia. *Journal of Tourism, Hospitality and Sports*, 11(C), 25–33. Retrieved from <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.965.2917&rep=rep1&type=pdf>

Trentini, C., Hutz, C., Bandeira, D., Teixeira, M., Gonçalves, M., & Thomazoni, A. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 209–217. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200007

Trninić, V., Trninić, M., & Penezić, Z. (2016). Personality differences between the players regarding the type of sports and age. *Acta Kinesiologica*, 10(2), 69–74. Retrieved from <https://www.researchgate.net/publication/314117243>

Uzun, M., Özlü, K., Dalbudak, I., Köse, B., & Gürkan, A. C. (2017). A review study on the

- antropometric characteristics and some physiological parameters of some judoists. *Asos Journal*, 5(60), 253–282.
- Van den Berg, S. M., de Moor, M. H. M., McGue, M., Pettersson, E., Terracciano, A., Verweij, K. J. H., ... Boomsma, D. I. (2014). Harmonization of Neuroticism and Extraversion phenotypes across inventories and cohorts in the Genetics of Personality Consortium: an application of Item Response Theory. *Behavior Genetics*, 44(4), 295–313. <https://doi.org/10.1007/s10519-014-9654-x>
- Van den Berg, S. M., de Moor, M. H. M., Verweij, K. J. H., Krueger, R. F., Luciano, M., Arias Vasquez, A., ... Boomsma, D. I. (2016). Meta-analysis of genome-wide association studies for extraversion: Findings from the genetics of personality consortium. *Behavior Genetics*, 46(2), 170–182. <https://doi.org/10.1007/s10519-015-9735-5>
- Vasconcelos-Raposo, J., Coelho, E., Mahl, Á., & Fernandes, H. (2007). Intensidade do Negativismo e Autoconfiança em Jogadores de Futebol Profissionais Brasileiros. *Motricidade*, 3(3), 7–15. Retrieved from http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1646-107X20070003000002&script=sci_arttext&tlng=en
- Vecchio, F. Del, Bianchi, S., Hirata, S. M., & Chacon-Mikahil, M. P. T. (2007). Análise morfo-funcional de praticantes de Brazilian jiu-jitsu e estudo da temporalidade e da quantificação das ações motoras na modalidade. *Flexibilidade Tóraco-Lombar e de Quadril Em Atletas de Jiu-Jitsu*, 7(10), 263–281.
- Vonk, J., Alexander, W., & Kuczaj, S. (2017). *Personality in Nonhuman Animals*. Gewerbestrasse: Springer.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício* (6th ed.). Artmed.

- Weiss, A., Staes, N., Pereboom, J. J. M., Inoue-murayama, M., Stevens, J. M. G., & Eens, M. (2015). Personality in Bonobos. *Psychological Science*, 26(9), 1430–1439. <https://doi.org/10.1177/0956797615589933>
- Wingfield, J. C., Hegner, R. E., Dufty, A. M., & Ball, G. F. (1990). “The ‘Challenge Hypothesis’: Theoretical Implications for Patterns of Testosterone Secretion, Mating Systems, and Breeding Strategies,.” *The American Naturalist*, 136(6), 829–846.
- Wirth, M. M., Welsh, K. M., & Schultheiss, O. C. (2006). Salivary cortisol changes in humans after winning or losing a dominance contest depend on implicit power motivation. *Hormones and Behavior*, 49, 346–352.
- Woodman, T., Davis, P. A., Hardy, L., Callow, N., Glasscock, I., & Yuill-Proctor, J. (2009). Emotions and Sport Performance: An Exploration of Happiness, Hope, and Anger. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 31(2), 169–188. <https://doi.org/10.1123/jsep.31.2.169>